



mensal | setembro de 2021 | n° 3 | ano 28 | [/sescrevistae](https://www.instagram.com/sescrevistae) | [sescsp.org.br/revistae](https://www.facebook.com/sescsp.org.br/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

REVER A CIDADE | ECOS DO MODERNISMO | TERRITÓRIOS DA CRIAÇÃO | JORGE SALOMÃO | EFEITO LINA | ROBERTO MENESCAL
| INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES | ANTONIO RISÉRIO | SIRON FRANCO | BRUNA HITOS PEREIRA

ISSN 2179907-5
0318
9 772179 907008



**CIRCUITO
Sesc
de ARTES**

8 A 19 DE SETEMBRO 2021

157 CIDADES

Programação 100% on-line e gratuita.

Espectáculos, oficinas, cursos, lives, contos e curiosidades, mapas interativos, visitas a exposições, exibições de filmes, debates e encontros para todos os públicos

Acompanhe em
sescsp.org.br/circuitosescdeartes
📱/sescsp

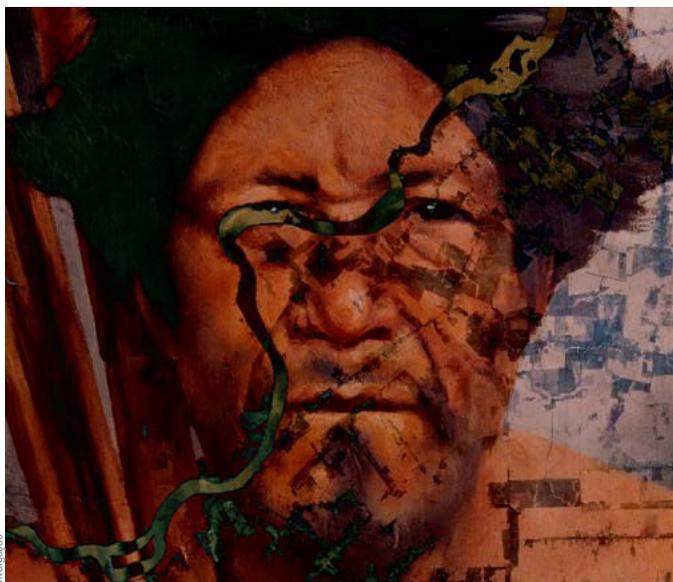
Apoio

Sindicatos do
Comércio, Serviços
e Turismo

Prefeituras Municipais

Realização

Sesc



Divulgação

IMAGEM DA CAPA

A imagem da capa desta edição integra o documentário ***Territórios de Resistência - Florestanias, Sertanias e Ribeirias***, que é resultado da parceria do Sesc Ipiranga com o Museu Paulista, realizada em 2019. Estruturado em quatro partes – *Narrativas em disputa, Florestanias, Sertanias e Ribeirias*, o documentário, dirigido por Maria Thais e Yghor Boy, parte do registro das apresentações realizadas durante a Ocupação do Museu do Ipiranga para ressignificar o trabalho na perspectiva do audiovisual. Com lançamento no dia 30 de setembro, na plataforma Sesc Digital e no Sesc TV, a produção evidencia o contínuo processo de exploração de territórios de povos originários, entre outros, e as violências incessantes contra essas pessoas para estabelecer um controle hegemônico que desconsidera os modos de existência, os direitos e saberes de seus habitantes. Saiba mais em <https://sesc.digital/> e <https://sesctv.org.br/>

Você também pode ler a **Revista E** em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play Download gratuito para Android e iOS

Empatia em sua essência

Compreender que o mundo, em sua infinita complexidade, passa por ciclos de mudança é o primeiro passo em direção à empatia. A entender que todos temos direitos e deveres e que o acesso ao bem-estar social deveria estar em primeiro plano. Vivemos ainda uma realidade desafiadora com a pandemia da Covid-19, em que a empatia se torna cada vez mais necessária.

Presente em todo o estado por meio de suas unidades operacionais, o Sesc – Serviço Social do Comércio oferece ampla programação nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, do turismo, da saúde e alimentação, fazendo-se presente com atividades diversificadas e o encontro de ideias. Além de trabalhar iniciativas urgentes e necessárias, como o Programa Mesa Brasil Sesc, que existe há mais de 26 anos arrecadando alimentos não perecíveis para distribuição às famílias necessitadas. Atua, dessa forma, no sentido de estimular as participações cidadãs, trazendo benefícios para todos.

A mudança pode ser entendida como superação e como forma de somar esforços para entendermos essa complexidade do mundo e de suas relações. Desde a sua criação, em 1946, o Sesc mantém esse foco em prol do bem comum e do que é essencial.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

A cidade que queremos

Reavaliar o que funciona e não funciona em nossas cidades faz parte do cotidiano da sociedade, e momentos de crise parecem instigar ainda mais a necessidade de reavaliação. Temos convivido com grandes problemas ambientais, a cada ano mais agravados por ações humanas. Fica a cada dia mais evidente, por exemplo, a necessidade de termos novas áreas verdes nos grandes centros urbanos, como praças e parques, assim como de segurança e da ampliação de circuitos de mobilidade, como ciclovias e calçadas.

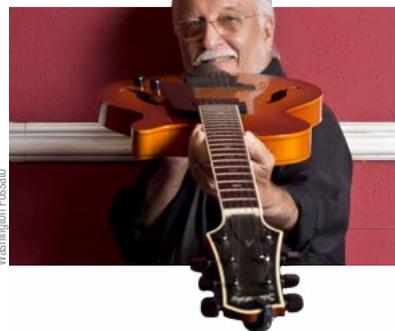
Quais desafios a cidade enfrenta hoje e como podemos mudar esse cenário? Essa questão norteia a reportagem *Rever a cidade* desta edição da **Revista E**, que apresenta as adversidades e alternativas para se pensar uma cidade para todos.

Esta edição traz ainda três personagens da arte: em *Entrevista*, Roberto Menescal relembra discos marcantes da sua carreira; o *Perfil* retrata a pujança e o talento do poeta, compositor e diretor de teatro Jorge Salomão, que nos deixou em 2020; e o artista plástico goiano Siron Franco relata como suas obras semeiam a reflexão sobre a responsabilidade social em *Encontros*. A matéria *Gráfica* apresenta um panorama de produções de arte da Baixada Santista na exposição *PORTOS – Processos Orientados Via Território e Ocupações Santistas*, em cartaz no Sesc Santos. O legado da Semana de Arte Moderna de 1922 é foco de debate no centenário do evento, que é tema de reportagem desta edição. E na seção literária, poemas do antropólogo, historiador e compositor Antonio Risério.

Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Washington Pessillo

Em ENTREVISTA, o compositor, músico e produtor ROBERTO MENESCAL relembra fatos curiosos da bossa nova e trabalhos emblemáticos como diretor artístico **12**



Mathias Jose Maria

Pandemia evidencia a urgência de REVER A CIDADE para repensar modelos de moradia, mobilidade, áreas verdes e espaços públicos voltados ao lazer **20**



Artinho Carlos Miguel

No PERFIL, vida e obra do multifacetado poeta, compositor e diretor de teatro JORGE SALOMÃO **30**



Izaura Campos, Mar, 2021 | Foto: Bruna Quevedo

Na GRÁFICA, um panorama atual das produções de arte da Baixada Santista apontam para TERRITÓRIOS DE CRIAÇÃO **36**



Detalhe da Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna, 1922 | Di Cavalcanti / Arquivo IEB - USP

Legado e ECOS DO MODERNISMO no centenário da Semana de 1922

52

DOSSIÊ **7**

EM PAUTA | INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES **58**

ENCONTROS | SIRON FRANCO **64**

DEPOIMENTO | FRANCESCO PERROTTA-BOSCH **70**

INÉDITOS | ANTONIO RISÉRIO **74**

ALMANAQUE PAULISTANO **80**

P.S. | BRUNA HITOS PEREIRA **82**

Ação urgente contra a fome. Faça sua doação.

A fome é uma realidade que atinge milhões de brasileiros.

Agora, você pode doar qualquer tipo de alimento não perecível diretamente nas unidades do Sesc e Senac no Estado de São Paulo

Ajude a mudar essa situação!

Acesse

sescsp.org.br/doemesabrasil



Renato Teixeira,
uma das atrações
do *Circuito Sesc
de Artes 2021*



Encontro de linguagens

Luiz Inpohl

CIRCUITO SESC DE ARTES 2021 LEVA PARA AS PLATAFORMAS DIGITAIS
A DIVERSIFICADA PRODUÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Caravana de circulação e difusão de ideias e produções em diferentes linguagens artísticas realizada desde 2008, o *Circuito Sesc de Artes 2021* ocupará outro palco: o virtual. Ao todo, mais de 250 ações artísticas, um ciclo de encontros para gestores culturais e ações formativas para professores da rede municipal de ensino locais irão compor o *Circuito Sesc de Artes 2021 – Praças Digitais*.

Essa ação acontecerá em diálogo com 157 municípios paulistas, seus artistas, gestores e professores, e a abertura acontecerá no dia 1º de setembro com uma live da qual participarão o Diretor Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, e o Secretário da Cultura do Estado de São Paulo, Sérgio Sá Leitão.

Miranda explica que “o *Circuito Sesc de Artes 2021: Praças Digitais* se baseia numa ampla articulação entre a instituição, empresas, as municipalidades e entidades empresariais”. Ele afirma, ainda, que “esta edição, virtual, integra e conecta diferentes públicos e protagonistas locais das 157 cidades paulistas que, junto à programação artística online, são contemplados

por ações formativas no campo da gestão e da mediação cultural, além de ações solidárias do programa Mesa Brasil Sesc São Paulo”.

Neste ano, as atividades do *Circuito Sesc de Artes* se estendem até o dia 19 de setembro e se estruturam em eixos temáticos que abarcam teatro, dança, circo, música, cinema, artes visuais e tecnologias, turismo, patrimônio, literatura, casos e curiosidades, infâncias, fazeres coletivos, economia criativa, modos de gestão cultural, entre outros. A programação ainda contemplará uma ação prévia, *Diálogos sobre Gestão Cultural*, composta por quatro encontros voltados a reflexões sobre gestão pública da cultura, políticas culturais e tecnologias digitais. Este ciclo, coordenado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF), será realizado pela plataforma de videochamada Zoom, entre os dias 1º e 4/9, por meio de inscrição, e será voltado a gestores e profissionais que atuam nas esferas pública, privada e no terceiro setor na área cultural.

Acesse a programação completa e saiba mais em: <https://circuito.sescsp.org.br/>

**O CIRCUITO SESC
DE ARTES 2021:
PRAÇAS DIGITAIS
SE BASEIA NUMA
AMPLA ARTICULAÇÃO
ENTRE A INSTITUIÇÃO,
EMPRESAS, AS
MUNICIPALIDADES
E ENTIDADES
EMPRESARIAIS
DANILO SANTOS
DE MIRANDA,
Diretor Regional
do Sesc São Paulo**



Estúdio Reimboca

PONTO DE PARTIDA

De 3 a 12 de setembro, o Sesc São Paulo realiza uma série de ações educativas que promovem o debate sobre saúde bucal e autocuidado para além de dentes, língua e saliva. Baseado no conceito de bucalidade, o *Boca, pra que te quero?* reúne em uma programação online pesquisadores, artistas e especialistas para refletir sobre as nossas relações, tendo a boca como ponto de partida. Entre os destaques: a conversa *Experimentar o Mundo e Alimentar Afetos!*, com a cantora Fabiana Cozza; o bate-papo *Bucalidade e as Dimensões da Saúde Bucal*, com o professor associado do Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo Carlos Botazzo, e a cirurgiã-dentista Renata Mota; além do *podcast A Boca que Tudo Come*, uma dramaturgia sobre mitos de Exu realizada pelo Coletivo Quizumba. Confira as atividades: [Boca, pra que te quero?](#).

PARA SINTONIZAR

Transmitido pela Rádio Heliópolis, o projeto *Sesc Ipiranga na Comunidade* completou um ano em julho passado, levando ao ar temas como identidade de gênero, literatura feita por mulheres negras e indígenas, racismo estrutural, entre outros assuntos relevantes para as comunidades em situação de vulnerabilidade social. Acessado por mais de 220 mil pessoas desde seu lançamento, o programa semanal é resultado de uma parceria entre o Sesc e a rádio comunitária, com o objetivo de integrar diferentes projetos educativos e dar visibilidade a trabalhos desenvolvidos pelos moradores da região. O *Sesc Ipiranga na Comunidade* é transmitido às sextas-feiras, das 12h às 14h, no Programa Bairro Educador, pela frequência 87,5 MHz e pelo Facebook. Entre os temas dos próximos encontros estão: juventude na periferia, cuidar de quem cuida e violência de gênero. Acesse: facebook.com/sescipiranga e facebook.com/RadioComunitariaHeliopolis.



Reprodução

MOVIMENTE-SE JÁ!

Entra em cena a 9ª edição da Semana Move na América Latina com o objetivo de inspirar as pessoas para a prática regular de atividades físico-esportivas e de lazer, ampliar o acesso às diversas modalidades e desenvolver ações em rede. Coordenado pelo Sesc São Paulo, o evento envolve uma diversificada programação de 18 a 26/9. Serão nove dias em que os “movedores” (cidades, organizações, empresas, escolas, clubes e pessoas) vão promover atividades para suas comunidades. Todos os países da América Latina estão convidados a participar, propondo atividades que incluam e motivem pessoas de todas as faixas etárias, e mediante as medidas e os protocolos de segurança e prevenção à Covid-19. Consolidada como um dos principais movimentos no combate ao sedentarismo, a semana é realizada desde 2015 na América Latina, com apoio da Isca – International Sports and Culture Association. Saiba mais em: www.sescsp.org.br/semanamove.



Divulgação

O Sesc Pompeia foi eleito uma das 25 obras arquitetônicas mundiais mais significativas do pós-guerra pela *T: The New York Times Style Magazine*, publicação do jornal norte-americano *The New York Times*, em agosto de 2021. O prédio é projeto da arquiteta Lina Bo Bardi (*leia Depoimento nesta edição*), que também foi reconhecida com o Leão de Ouro na Bienal de Veneza, meses antes.





Começa neste mês o processo de construção da unidade permanente Sesc Parque Dom Pedro II (imagem do projeto de arquitetura), que foi, desde 2015, uma ocupação provisória no grande triângulo formado pelas avenidas do Estado e Mercúrio e pela Praça São Vito, região central da capital paulista. Por isso, até o final de 2021, a unidade segue com ações e atividades apenas em suas plataformas digitais. Acompanhe a programação e notícias na página do Facebook, perfis no Instagram e Twitter, e no [canal do YouTube do Sesc Parque Dom Pedro II](#).

CUIDADO EM PAUTA

Em sua 4ª edição, a ação Cuidar de Quem Cuida, que será realizada pelo Sesc São Paulo entre os meses de setembro de 2021 e março de 2022, traz como tema principal “Exercícios do Cuidar na Primeira Infância – Políticas Públicas”. Em discussão, iniciativas que podem garantir condições de vida saudável e qualidade no ato de cuidar para cuidadoras e cuidadores de bebês e crianças na primeira infância, abordando questões relativas às condições que podem favorecer e concretizar o exercício do ato de cuidar como assunto coletivo, principalmente diante de situações de intensas desigualdades sociais e econômicas. Na programação, apresentações, oficinas, bate-papos e outras atividades que se voltam para saberes e experiências de diferentes atores públicos e privados, diversos setores e instituições, movimentos sociais, meios de comunicação, entre outros. Saiba mais: sescsp.org.br/cuidardequemcuida.

POVO BRASILEIRO

Estreia neste mês na programação do SescTV a série *O Povo Brasileiro*, uma recriação narrativa em linguagem televisiva da obra homônima do antropólogo, historiador e sociólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), dirigida pela socióloga e cineasta Isa Grinspum Ferraz. Em cada episódio de 26 minutos, Darcy Ribeiro nos conduz pelos caminhos da nossa formação como povo e nação. Afinal, quem são os brasileiros? Que matrizes nos alimentaram? Que traços nos distinguem? Compostos por imagens captadas em todo o Brasil, material de arquivo raro, depoimentos de Antonio Candido, Luiz Melodia e Antonio Risério, entre outros, além da participação especial de Chico Buarque e Tom Zé, os dez capítulos da série discutem nossas origens, percursos históricos, problemas e perspectivas de futuro. Assista sob demanda em sesc.tv.br, a partir de 18/9, com exibição no canal em 23/9, às 22h30 (consulte a sua operadora).





Semana MOVE

18 - 26. 9. 2021

AULAS ESPECIAIS, WORKSHOPS, PALESTRAS,
BATE PAPOS, PODCASTS, CURSOS E
ENCONTROS DE FORMAÇÃO
E OUTROS CONTEÚDOS DIGITAIS.

SAIBA MAIS EM
SESCSP.ORG.BR/SEMAMOVE

COMPARTILHE SUA PARTICIPAÇÃO
NAS REDES SOCIAIS

#SEMAMOVE

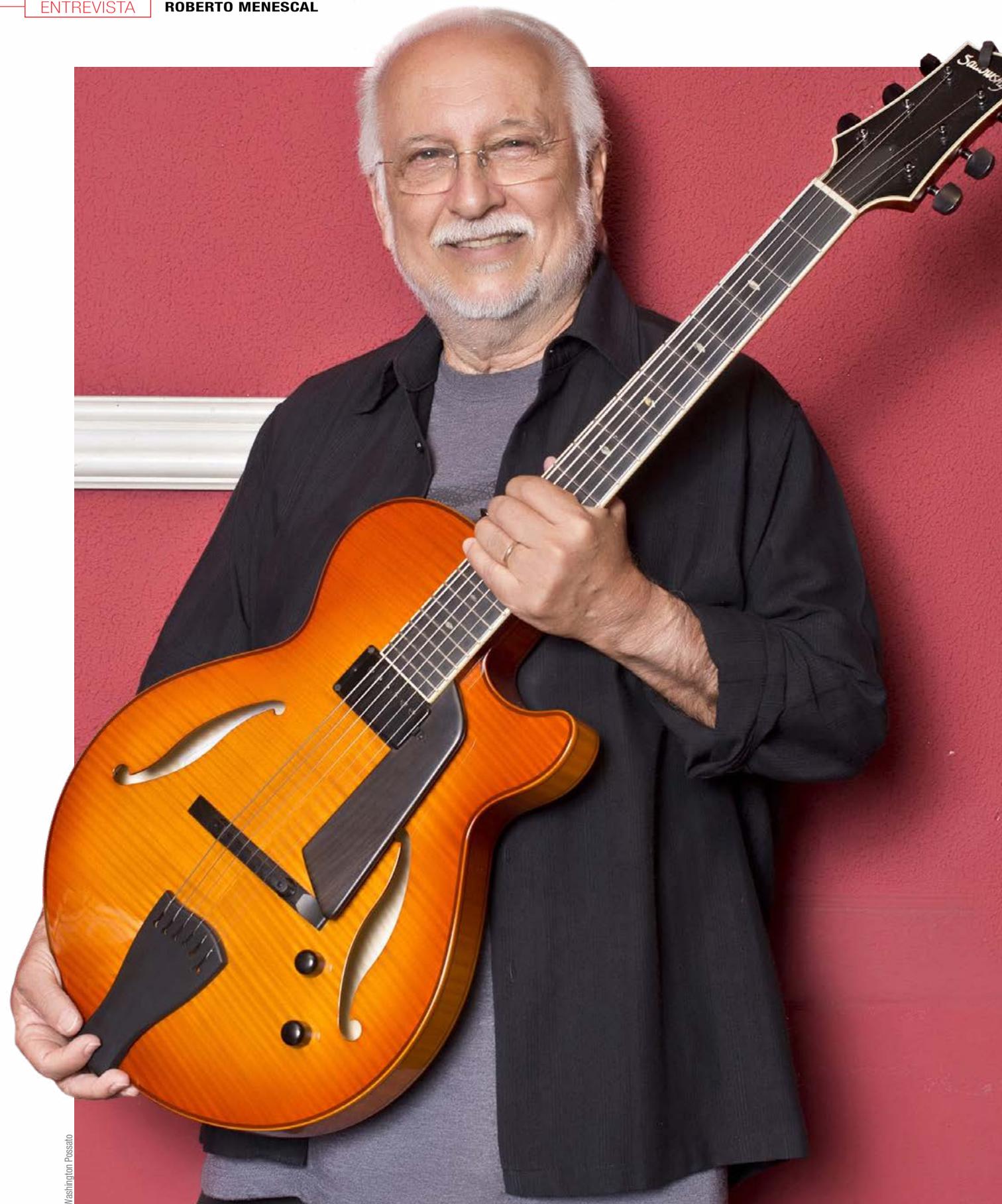


APOIO:



COORDENAÇÃO:





Washington Possato

Pescador de SONS

AFEITO ÀS COISAS DO MAR,
O COMPOSITOR, VIOLONISTA,
PRODUTOR E EXPOENTE DA BOSSA NOVA RELEMBRA
MOMENTOS E DISCOS MARCANTES DESSA TRAVESSIA

S em dúvida, Roberto Menescal é um desses personagens da história da música brasileira que sempre estiveram no lugar certo, na hora exata. Nascido no Espírito Santo em 1937, mas carioca de vivência – mudou-se, aos três anos, para a capital fluminense –, o músico tem no mar sua grande fonte de inspiração e reduto de amizades. Era na praia de Copacabana que ele nadava, jogava vôlei e futebol depois das aulas, ia tocar violão com amigos e foi também onde pescou um dos grandes parceiros musicais de sua carreira: o jornalista e compositor Ronaldo Bôscoli (1928-1994). Diferentemente de outros músicos da patota que criou a bossa nova, num Rio de Janeiro de 1960, Menescal era do tipo que dormia e acordava bem cedo. E a pescaria – nesse caso não a metáfora, mas a prática – também lhe rendeu canções como *O Barquinho*, uma das mais famosas composições feitas com Bôscoli. Outra faceta de Menescal – a de produtor e diretor artístico da PolyGram/Philips de 1970 a 1985 – lhe rendeu reconhecimento internacional, lançando álbuns de Nara Leão, Raul Seixas, Maria Bethânia, Gal Costa, Fagner e muitos outros. Deu continuidade a esse trabalho no final dos anos 1980, quando fundou seu próprio selo, que não por acaso tem no nome outra referência marinha: Albatroz Discos. Paralelamente, continuou compondo e gravando música, fez lives na pandemia e teve sua trajetória documentada pela prima e escritora Claudia Menescal no recém-lançado *Roberto Menescal: Um Arquiteto Musical* (Futurama, 2020). Nesta *Entrevista*, o contador de histórias entra em cena e compartilha bastidores da gravação de discos históricos, como *Construção*, de Chico Buarque (1971), *Elis*, de Elis Regina (1972), além de, claro, lembrar desde os primeiros momentos da bossa nova até o movimento singrar oceanos e ganhar o mundo.

Suas canções têm cheiro de mar.

De onde vem essa conexão?

Desde que nasci, sou muito ligado ao mar. Na verdade, sou do Espírito Santo e moro aqui [*no Rio de Janeiro*] desde os três anos de idade. Eu passava todas as férias em Vitória, à beira do mar. Tudo rolava ali, a casa dava para o mar. De manhã, a turma toda ia nadar até uma ilha, depois jogar bola. Era tudo no mar. De noite, quando comecei a tocar violão, a gente fazia serenata ali na praia. No Rio de Janeiro, eu morei em Copacabana, que era aquele espaço democrático. Você ia para o colégio, voltava e ia tomar um banho de mar, jogar um voleizinho. Ia para casa, almoçava e depois ia jogar futebol. De noite, era tocar violão na praia. Depois, comecei a fazer mergulho, caça submarina, fui um tremendo predador, confesso. Não sei o que era e não me compreendo fazendo isso. Mas fiz.

Então, dessa relação é que nascem suas composições.

Eu era o contrário do [*Dorival*] Caymmi, que tinha pavor de mar, mas fazia canções de mar. Acho que ele fazia aquilo para pedir desculpas ao mar, porque tinha muito medo. Como disse Danilo Caymmi [*filho de Dorival*], ele nunca botou um pé na água de tanto medo.

Além disso, você tinha essa fama de ser esportista, de nadar, de jogar vôlei, de pescar. Curioso porque a mística da bossa nova é composta pelos boêmios, que preferem a noite ao dia. Você era uma exceção?

O pessoal até me pedia para mostrar alguns lugares aonde eu ia, fazia foto e tal. Eu não ia levá-los porque eles sempre dormiam e acordavam muito tarde. Minha pescaria era muito séria. Até que um dia, eu cedi e levei. Foi no dia em que levei a turma toda: Bôscoli, Nara Leão, sua namorada na época, o Tamba Trio e mais um rapaz que mora há anos na França, o Normando Santos. Eram umas oito ou nove pessoas no barco. Eu tinha alugado uma baleeira. Já começou mal porque eu falei para todo mundo estar às sete horas no cais. Foi chegando um a um com aquela cara de sono e pedi para comprarem algum lanche, enquanto eu estava checando o barco. Aí falei: “Nada de piquenique, só um guaraná e sanduíche”. Só depois é que vi que estavam levando rum dentro das garrafas de guaraná de rolha. Começou assim. Até que a gente enguiçou por volta da

DESDE QUE

NASCI, SOU MUITO

LIGADO AO MAR

Ilha do Cabo e fomos sendo levados pelo vento leste de Cabo Frio, que era fortíssimo. Eu ia cantarolando, brincando para desanuviar. Já tinha acabado a bateria do motor e o último recurso era a manivela. Comecei a brincar com o som da manivela. Até que veio uma embarcação para amarrar uma corda em nosso barco, dar uma carona pra gente, eu e Ronaldo brincando: “O barquinho vai, a tardinha cai...”, porque já eram seis horas da tarde. E todo mundo cantando junto. No dia seguinte, o Bôscoli perguntou na casa da Nara como era essa história do “Barquinho vai...”. Disse que tinha um suingue aquele som da manivela e eu fiz de novo. Foi de brincadeira que fizemos essa música (*O Barquinho*, 1960) e ela acabou se tornando nossa música mais gravada até hoje. A gente já tinha feito algumas coisas. Inclusive, tinha feito uma música para o mar também, *Nós e o Mar*. Aí começou a nascer muita coisa, Ronaldo gostou do negócio da pescaria e começou a ir com a gente. Fazíamos muita música nessas pescarias.

Hoje você não pesca mais?

Não. Abandonei quando tinha 50 anos, porque para pescaria de mergulho é preciso um preparo muito bom. Mas abandonei mais por causa da minha filha. Uma vez toquei a campainha de casa, e minha filha abriu a porta e ficou chocada: “Pai, você matou esse peixe”. E eu expliquei que era para a gente comer, mas ela disse: “Pai, a gente vai comer um peixe desse tamanho? Daí eu parei. Essa geração foi chegando e defende a natureza.

Sobre estrutura musical, quais eram as referências das suas composições no início da bossa nova?

No meu caso, no caso de Carlos Lyra, de Tom Jobim e de vários nossos, eram muito o jazz e os musicais americanos. Tinha um cinema perto da gente, em Copacabana, que sempre exibia um musical. E, no meio do musical, tinha um Nat King Cole cantando, e aqueles grandes orquestradores. Aquilo foi entrando no ouvido da gente. Mas e o samba? O Rio de Janeiro tem essa cadeia de montanhas que corta a cidade.

Zona norte e zona sul eram completamente separadas, eram três horas para ir de um lugar a outro. Então, nós não tínhamos o conhecimento dos sambistas, do pessoal do morro. Depois que Nara Leão pulou um pouco da bossa nova para os sambistas do morro, aí que a gente foi tomar conhecimento disso. A importância da Nara foi muito grande nesse pulo que a gente deu. Mas era muita coisa do jazz mesmo.

Quais músicos do jazz?

Nat King Cole, para mim, era o cara que eu mais apreciava. Já para o outro pessoal da bossa nova era o [Frank] Sinatra. Mas o que foi definitivo na formação da gente foi o disco *Julie Is Her Name* (1955), com Julie London cantando, acompanhada por um guitarrista e um baixista. Aí, o que aconteceu? Naquela época, você ouvia um disco de Ella Fitzgerald, e tinha aquela orquestra de 50 figuras, enquanto baixo, piano e bateria eram um “bloquinho” no meio daquilo tudo. Não dava para distinguir os acordes. Mas quando veio esse disco... Era um canal só de gravação, como todos os outros, mas era uma guitarra na cara. Rapaz... Quando eu ouvi aquilo, disse: “Que acorde é esse?”. Aí, convidei Carlos Lyra, Baden Powell, Oscar Castro-Neves... Convidei uns cinco violonistas, marquei no sábado na casa de um amigo que tinha um som bom. Quando ele deu o play, todo mundo ficou surpreso. Porque, pela primeira vez, a gente ouviu os acordes perfeitos. Daí eu tive a ideia de cada um pegar duas músicas e depois de um mês a gente voltaria a se encontrar. Cada um tentava tirar o máximo que pudesse. A gente conseguiu tirar uns 40% dos acordes do cara, e daí a música brasileira andou rapidamente dez anos. No Brasil, o samba-canção dominava, era muito bonito aquilo, eu adorava, mas a gente tinha uns 18, 19 anos escutando: “Ninguém me ama, ninguém me quer...”. A gente tinha até vergonha de cantar a música.

A temática do mar, no início da bossa nova, era uma certa oposição ao universo do samba-canção, que quase não se referia à geografia, no caso, do Rio de Janeiro?

O que a gente lutava mais era contra a letra, que era “como sou infeliz...”. Que é isso, cara! Que barra-pesada. Aí, olha que loucura, nós tínhamos um clube do Posto 4 em Copacabana e a gente estendia uma lona grande, dava umas 30 pessoas, aí teve uma briga e cada um cortou um pedaço da lona e cada um levou para sua costureira e fez uma bermuda, tudo da mesma cor, tudo azul. Foi o início da bermuda no Brasil. Não combina uma pessoa de bermuda cantando “ninguém me ama...”. Não tinha relação. Você vê o seguinte: todo o pessoal de música trabalhava durante o dia, uma grande parte trabalhava em jornais, eram repórteres, colunistas. Acabava o trabalho, iam para um bar e depois, às dez horas da noite, iam para as boates – Dolores Duran cantava num, Dóris Monteiro em outro. Dormiam muito tarde, de terno e gravata. Então, não podiam abrir o peito. Era um ambiente noturno. Já o nosso, era o do mar. Era o contrário, era um ambiente aberto. A gente sofria um pouco, mas daqui a pouco jogava um futebol e estava tudo legal.

Como era a parceria musical com o Bôscoli, ele era jornalista e repórter e de repente começou a escrever letras.

Eu conheci o Ronaldo numa reunião de violão de gente mais velha. Era muito formal, uma série de cadeiras, o pessoal sentado e o violão passando de mão em mão. Era o que tinha, mas não era o que me agradava mais. Quando fui encher meu copo de cuba libre, em outra salinha, ouvi um som. Fui até a varanda e tinha o Bôscoli e um cara tocando violão. Perguntei se podia chegar mais perto, eles deixaram e ele estava tocando *Fim de Noite*, do Bôscoli. Perguntei se ele não

ATÉ QUE VEIO UMA EMBARCAÇÃO PARA AMARRAR UMA CORDA
EM NOSSO BARCO, DAR UMA CARONA PRA GENTE,
EU E RONALDO BRINCANDO: “O BARQUINHO VAI, A TARDINHA CAI...”

queria ir lá pra dentro, mas ele disse que não, como quem diz: “A nossa música é mais isso aqui. Disse que ficou um ano trancado num apartamento, que não conseguia sair de lá, e estava começando agora a botar o pé pra fora de casa. Eu olhava aquela história, que estranho. Falei: “Olha, eu namoro uma menina que se chama Nara Leão e a gente vai tocar violão sempre na casa dela, você não quer ir lá?”. Aí passei o endereço, ele não foi, claro. Passou-se um ano, eu estava na praia, ele passou com um amigo. Corri e fui falar com ele: “Oi, se lembra de mim?”. Até que ele lembrou, disse que não deu para ir pra casa da Nara [na outra ocasião], mas disse que ia dar um pulo lá. E ele foi. Estava o Carlinhos Lyra também, o Carlinhos grudou nele, e toda noite a gente ia para a casa da Nara. A não ser que tivesse uma reunião fora, uma festa na casa de outro. Mas era sempre na casa da Nara. E cada dia o Carlinhos e o Bôscoli faziam uma música. Era impressionante. Eu ficava do lado, ouvindo, ficava meio de “gravador”. Até que um dia o Carlinhos deu um bolo no Ronaldo. Ele ficou uma fera, e eu falei: “Tenho uma musiquinha aqui, quer dar uma olhada?”. Aí, fizemos uma música. No dia seguinte, ele: “Não quero saber mais do Carlinhos. Vamos fazer nós”. E aí fizemos mais uma música. As duas primeiras eram ruizinhas. Foram até gravadas, mas ruizinhas. E aí a terceira, falei que tinha feito uma música mais legal, *Errinho à toa*, e ele me disse: “Agora estamos na linha”. Daí em diante, fizemos 200 e poucas músicas. O Ronaldo era um cara muito boêmio, mas ao mesmo tempo gostava da coisa do mar. Ia tarde, chegava ao meio-dia na praia, mas era um cara que ia dormir tarde, gostava da noite.

Como a Nara Leão se tornou uma cantora numa época em que as outras cantoras eram reconhecidas por uma voz grande e potente, enquanto Nara cantava baixinho?

Como eu disse, eu era um “gravador” dos acordes e a Nara era “gravadora” de letra. Ela escrevia muito rápido. Então, ficávamos nós dois ali de apoio. Aí, ela cantava baixinho na casa dela. Até que um dia nós fizemos

o que a gente considerou o primeiro show de bossa nova, em 1960, *A Noite do Amor, o Sorriso e a Flor*. E a gente convenceu a Nara a cantar. E ela: “Mas eu canto baixinho”. E a gente: “Isso, canta baixinho”. João Gilberto apareceu naquela época e também cantava baixinho. E aí, ela cantou. Cantou até de costas para o público. A inibição dela... Na verdade, na vida dela toda, ela foi muito inibida. Ela falava: “Mas não sou artista, não gosto disso de falar com gente que puxa, segura”. Ela não tinha isso. Então, o som dela sempre foi baixinho, a não ser algumas coisas mais teatrais, quando começou a fazer com os sambistas. Eu adorava. Eu e muita gente.

A GENTE FOI
ABRINDO A
CABEÇA, SENÃO
MORRIA A BOSSA
NOVA ALI, NUM
CÍRCULO FECHADO,
ENQUANTO
OUTRAS COISAS
ESTAVAM
ACONTECENDO

Como a Nara acabou conhecendo e entrando em contato com o samba?

Antes é preciso explicar como a Nara foi parar ali. Porque ela era da bossa nova, e de repente larga tudo e vai cantar o morro? Foi por problemas de namoro com o Ronaldo Bôscoli. Eles iam ficar noivos e, de repente, nós fomos para a Argentina. Eu produzi um disco da Maysa, o primeiro disco que produzi, e ela falou para a gente lançar lá. E ficamos um mês na Argentina. Claro, no avião, já na ida, Ronaldo e Maysa começaram a namorar, e eu avisei que isso ia dar bode. Quando a gente voltou, ele tinha até comprado umas alianças para Nara. Quando a gente chegou ao aeroporto, e tinha a imprensa recebendo a gente – porque foi um lançamento muito legal na Argentina –, Maysa passou o braço no do Ronaldo e falou:

“Quero apresentar meu noivo”. Aí foi foto aqui, foto ali, saiu nos jornais no mesmo dia. E a Nara no dia seguinte falou pra mim: “Eu vou sumir da turma da gente, vou acabar com as reuniões lá de casa. Porque eu não quero ver o Ronaldo mais”. Eu até levei as alianças para a Nara, ela disse: “Que bonitinho”, e jogou no trânsito. Foi isso. Ela sumiu da gente. Nisso, descobre o Cinema Novo, até se casa com o Cacá Diegues, e começa a descobrir os sambistas. Ela trouxe os sambistas pra gente. Só voltou a cantar bossa nova dez anos depois.



Em termos de estética musical, como foi o impacto provocado por sambistas como Zé Ketí, Cartola e Nelson Cavaquinho nesse núcleo original da bossa nova?

Influenciaram bastante porque, primeiro, eles trouxeram motivos novos, de letra e tudo. E as músicas... A gente achava que samba era algo simples, mas quando você ouve: “Quando eu piso em folhas secas...”. Que é isso, né? A gente botava aquele ritmo da bossa nova, então havia uma identificação da chegada. Falavam: “Chegou a nova turma da bossa nova”. A gente gostava muito principalmente desses três, Nelson Cavaquinho, Cartola e Zé Ketí. Antes, a música deles não chegava até a gente ou talvez a gente não chegasse neles. Duas coisas foram importantes para abrir a cabeça da gente: a chegada dos sambistas e a Tropicália. A gente foi abrindo a cabeça, senão morria a bossa nova ali num círculo fechado, enquanto outras coisas estavam acontecendo. Era perigoso. Eu comecei a gostar do Roberto Carlos também, me perguntam por quê, e digo: porque eu gosto. Tanto que

depois eu produzi o disco da Nara *E Que Tudo Mais Vá para o Inferno* (1978).

Um disco completamente diferente do que a Nara Leão já tinha feito...

Foi algo muito da Nara mesmo. Um jornalista até falou que a Nara estava se vendendo ao sucesso. E ela: “Não posso gravar uma música do Roberto? Se eu pudesse, gravava um disco inteiro com música dele para calar essas pessoas”. E eu perguntei a ela: “Por que não?” Ela foi e gravou. Esse foi um dos discos da Nara que mais venderam. Acho um disco muito bonito.

Voltando à bossa nova, é interessante que até hoje seja o gênero que mais teve repercussão fora do Brasil.

No Japão, então, é bem forte. Já fui 31 vezes ao Japão, calcula: 27 horas de ida, 27 horas de volta. Cheguei a ir três vezes por ano, depois eles (os japoneses) foram aprendendo e hoje tocam tão bem ou melhor que a gente. Mas esse é um fenômeno. Na França e na Itália

curtiam muito bossa nova. Quando fiz uma turnê por países nórdicos, achei que não gostassem, mas vi todo mundo cantando “Vai minha tristeza...” em português. Então, a gente não tem notícia da música nossa que toca nos países nórdicos. Na Austrália, nós fizemos um show naquele teatro Sydney Opera House, e lotou. Teve um cara num jantar da embaixada que veio me perguntar se não dava para ele entrar com a gente (os músicos) no show porque os ingressos tinham acabado e o teatro estava lotado. No final, o cara entrou com a minha guitarra. Então, esses sustos que a gente leva com o exterior, que ninguém sabe no Brasil. Pouca gente sabe, por exemplo, da carreira do Ivan Lins lá fora. É impressionante. Tem gente que fala: “Poxa, o Ivan sumiu, né”? E eu: “Sumiu aqui porque lá nos Estados Unidos e Europa...” Como dizia o Tom: “O Brasil não conhece o Brasil”.

No caso dos Estados Unidos – onde grandes músicos como Stan Getz, que gravou com João Gilberto, além de Duke Ellington e o próprio Miles Davis flertaram com a bossa nova –, o gênero também reverberou bastante.

Vou te contar um fato interessante: um dia me telefona um cara do Itamaraty falando que estavam preparando um show grande de bossa nova em Nova York, no Carnegie Hall. Eu não sabia o que era o Carnegie Hall. Fiquei calado. Me disseram que seria em novembro e eu disse que não podia ir porque tinha marcado uma pescaria em Cabo Frio, já tinha alugado um barco com um pessoal. Daí, o cara do Itamaraty ficou impressionado. Tom Jobim me telefona uma hora depois: “Menesca, você tá doido, cara? É o Brasil. Você tem que ir, não tem isso de pescaria”. Eu fui, claro! O mestre me chamando assim. E lá fomos... Aquela farrá no avião, ninguém ensaiou nada, não sabíamos o que ia ser. Quando chegamos ao aeroporto, fui o primeiro a passar pelo controle de passaporte. Quando olhei pra frente, vi os caras do jazz. Eles tinham ido receber a gente. “Não é possível”, pensei. Daí, veio o Gerry Mulligan: “Oh, Menescal”, me cumprimentando. Fico arrepiado até hoje.

Quería falar um pouco sobre seu trabalho como produtor e diretor artístico. Porque você na PolyGram, hoje Universal, fez discos marcantes na música brasileira. Como essa faceta de produtor entra na sua vida?

Primeiro foi com a Maysa, que apareceu na turma da gente e queria gravar coisas nossas. Falei para ela pensar bem, ela estava indo bem no sambacção, poderia ser perigoso mudar. Mas ela quis e me chamou para produzir. Eu avisei que não tinha produzido ninguém. Produzia nossos showzinhos. Enfim. Aí produzi o disco dela, e pouco depois produzi o disco da Wanda Sá, o *Wanda Vagamente*, que foi muito bem. Assim começou. Um pede aqui, outro ali. Comecei a tocar com a Elis Regina. Fizemos quatro anos de Europa, idas e vindas, gravando com várias pessoas de lá também, mas chegou um ponto em que falei: “Elis, estou adorando o que estou fazendo, mas acho que de repente não é muito legal para você ficar muito ligada comigo porque tá virando meio duplinha”. A Pimentinha era braba. Porque pra mim estava tudo certo. Tivemos três papos, e eu falei: “Acho que para sua carreira, você tinha que montar uma outra banda, uma banda muito boa”. E ela me perguntou o que eu ia fazer. Eu não sabia. Aí, conversando com o André [*Midani*], que era presidente da PolyGram, ele me chamou para ser diretor artístico na gravadora. Ele precisava de um diretor artístico que fosse músico. Perguntei se eu tinha que ir todo dia, até então nunca tinha sido empregado. Pedi um dia para pensar e topei. Passei 15 anos lá dentro. Tive sorte na chegada de pegar o disco do Chico, *Construção* (1971), o da Elis, *Elis* (1972), que tem *Águas de Março...* Dei muita sorte. Entrei em 1970 e saí em 1985.

No caso de *Construção*, qual foi seu papel?

Deixo claro que *Construção* não foi por minha causa. O Chico já vinha com aquela música pronta, o que fiz foi dar condição para fazer um disco que foi caro – algumas faixas ali têm 60 músicos –, acompanhar aquilo ali e pirar na mixagem. Eu só dava condições e organizava tudo. Teve até um lance barra-pesada. O Luis Cláudio estava começando na produção, e, enquanto a gente estava mixando o disco, pedimos que ele ligasse a música *Construção*. Ele apertou o botão que apagou a faixa inteira. Participação de Tom, Vinícius [*de Moraes*], Toquinho, MPB4. Quando olhei para ele, ele estava branco, quase tendo um infarto. Eu disse: “Calma todo mundo. A PolyGram não pode saber disso”. Porque uma faixa

PASSARAM-SE DEZ MINUTOS E

CHICO ME DEU A LETRA [DE ATRÁS DA PORTA]. LEVEI PRA CASA DA ELIS, E ELA CHORAVA COM A MÚSICA

que custou milhares de reais tinha sido apagada e não podia sair dali. Então falei que íamos regravar a faixa. Peguei um pouquinho do disco da Elis, da Gal [Costa], do Egberto [Gismonti], de cada disco que ia fazer. Ficou até melhor. Mas meu coração quase pifou, o do Chico também, o de todo mundo. Mas no final valeu. Só fui falar isso para o André Midani um ano depois. Outra questão foi quando levei o disco para a reunião de produção, e o cara da divulgação falou que a música não ia tocar no rádio porque ela tinha sete minutos, e na rádio só tocavam [composições de] até três minutos. Eu falei que queria trabalhar aquela música, e o Midani concordou. Coloquei a letra na contracapa, e a música estourou com sete minutos. Nós mudamos um conceito brasileiro sobre tocar em rádio.

Como foi produzir o disco da Elis Regina (Elis, 1972), com Águas de Março, Casa no Campo e tantas outras canções que fizeram história?

Esse disco foi difícil. Queria marcar com ela para escolher as músicas e ela já sabia o que queria – duas do Chico, duas do Milton Nascimento, duas do Caetano [Vieloso], duas do [Gilberto] Gil – e queria tudo inédito. Mas ela não tinha esse material. Avisei que todo mundo estava pedindo música para eles, e achava difícil terem duas músicas inéditas para ela. Pedi ao Caetano, ele não tinha. Gil tinha uma, Milton não tinha. Ah... Ela queria uma do Jobim também. Até que começou a achar que ninguém queria dar uma música pra ela. Pedi um mês pra trazer um repertório para ela escolher. Não sabia como, mas fui. Peguei música do Fagner (*Mucuripe*), *Casa no Campo* (de Tavito e Zé Rodrix), que estava saindo, Gil fez *Ladeira da Preguiça*. Aí, fui à casa do Tom, vai que tinha uma coisa lá guardada. O Tom me avisou que estava lá com uma cantora que ia ensaiar

uma música que ele preparou para ela. Cheguei um pouquinho antes, me sentei e, quando vejo, ele estava passando com essa menina: “É pau, é pedra, é o fim do caminho...”. Eu, lá quietinho, mas como tinha meu gravadorzinho cassete, gravei tudo. Falei: “Tom, eu não quero saber, a Elis vai gravar essa música”. E ele: “Menesca, não posso fazer isso com a moça”. Eu falei: “Sou eu quem vai fazer”. Daí ele me disse que nem ia me ensinar a música, só que eu disse que tinha gravado. Daí, falei pra Elis que estava com uma música nova do Tom. Ela adorou, nem sabia que era para outra cantora. Pedi outra música para o Francis Hime. Ele disse que tinha três com o Chico. Eram boas, mas não o que a gente queria. A fita tinha acabado e começou outra: “Quando olhaste bem nos olhos meus, e o teu olhar era de adeus...”. E vai indo. E a segunda parte sem letra. Ele me disse que estava fazendo essa música com o Chico havia dois anos e ele não conseguia acabar. Fomos para o estúdio, gravamos tudo e, na segunda parte, sem letra, a Elis cantarola até o final. Passei na casa do Chico e ele colocou a fita no gravador que ficava em cima da geladeira. Quando ouviu a Elis cantarolar, pegou um embrulho na cozinha, cortou o papel e pegou uma caneta do lado da geladeira mesmo. Passaram-se dez minutos e Chico me deu a letra. Levei pra casa da Elis, e ela chorava com a música. Na hora de gravar essa segunda parte, ela chorava, não conseguia cantar. Até ela conseguir gravar, com muita emoção, e a música estourou. Então, você vê: esse era meu papel, conseguir umas coisas que não me seriam impossíveis.

Por que você não quis passar um tempo fora do país como Tom Jobim, João Gilberto, Eumir Deodato?

Naquela época, como eu tinha que vir para meu casamento, tinha feito uma casinha perto de Cabo Frio para poder pescar. Falamos de ficar cinco anos por lá. Fazia a pescaria e depois eu e minha mulher íamos vender o peixe, então, entrando dinheiro foi ótimo. Foram os primeiros meses de verão, uma maravilha. Aí, chegou o inverno, a água e o vento frio... Aí eu voltei para o Rio. O Brasil estava muito bom para shows, então fui ficando, e nunca fui de querer morar fora. Mesmo no Japão ou em países da Europa, o máximo que fiquei foram 15 dias. Estados Unidos também. Eu gostava de ir, mas gostava de voltar e ficar no Rio de Janeiro. Os outros se deram bem por lá, mas eu sou muito brasileiro. ■

**EU ME
VEJO EM
VOCÊ**



Rever a **CIDADE**

PANDEMIA EVIDENCIA A
NECESSIDADE DE REPENSAR
MORADIA, MOBILIDADE, ÁREAS
VERDES E ESPAÇOS PÚBLICOS
VOLTADOS PARA O LAZER

Todo momento de crise instiga a necessidade de mudança, e, se há uma unanimidade nesta pandemia, é a urgente ação de reavaliar o que está funcionando e o que não está nos centros urbanos, onde se concentra a maior parte da população brasileira. Ficou evidente a importância de áreas públicas arborizadas, como parques e praças, incorporadas ao lazer, à convivência e à prática físico-esportiva. Além da premência na construção e reparação de calçadas, ciclovias e outras alternativas de mobilidade, por exemplo. Para a maior parte da população em regiões periféricas, no entanto, ficou escancarada a falta de direitos essenciais para a vida, como água, saneamento básico, habitação e opções de lazer. Afinal, quais desafios a cidade enfrenta hoje e o que pode mudar nesse cenário?

Presidente do Instituto Cidades Sustentáveis, o engenheiro Jorge Abrahão já havia apontado para esse quadro no começo deste ano. “A pandemia trouxe luz para questões estruturantes da nossa sociedade e que devemos enfrentar. Nesse sentido, onde a pandemia está deixando marcas mais profundas é no ambiente das cidades, onde vamos ter que construir uma superação. Sem demérito a outros espaços, mas 85% da população brasileira vive nas cidades. Então, os problemas acontecem aqui onde uma maior quantidade de gente mora”, disse na seção *Encontros* da **Revista E** nº 292, de fevereiro de 2021. Para a elaboração de políticas públicas, Abrahão apontou a necessidade de pesquisas, levantamento de dados e indicadores que possam mapear as diferentes realidades encontradas nos centros urbanos.

Aos sábados e domingos, o elevador Minhocão transforma-se em parque para moradores e frequentadores da região. Na imagem, a arte na empena do prédio é do artista Felipe Morozini, presidente da Associação Parque Minhocão

Além desse mapeamento, arquitetos e urbanistas vêm refletindo sobre os atuais (e antigos) problemas enfrentados pelas cidades. Realizada em agosto, pela Escola da Cidade e Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, a 16ª edição do Seminário Internacional Escola da Cidade 2021 (*leia boxe Ideias na prática*) organizou debates com especialistas de diversas regiões do Brasil e de fora do país sobre novas demandas da vida contemporânea, mudanças de hábitos, de usos e de experiências e novas consciências ambientais e culturais.

Como olhar a cidade? Como entender a cidade e como intervir na cidade? Essas foram algumas das questões que nortearam o evento, segundo a arquiteta urbanista Sabrina Fontenele, professora da Escola da Cidade e uma das curadoras e coordenadoras do seminário. “Essas perguntas simples demonstravam que a discussão deveria alargar o campo da arquitetura e incorporar falas e olhares diversos que se colocavam além da cidade construída, mas também se aproximando de práticas sociais e reivindicações diversas”, explica.

Para o arquiteto Silvio Oksman, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Escola da Cidade, “não iremos construir uma cidade nova, mas pensar a cidade numa escala mais aproximada”, pondera. “Evidentemente mais áreas públicas verdes, maior incentivo à mobilidade por bicicleta, encurtar as distâncias de deslocamento e o comércio de rua são ações positivas, mas ainda temos que passar dos princípios que devem reger a cidade ao desenho efetivo”, ressalta o arquiteto, que também fez parte da curadoria e da coordenação do Seminário Internacional.

Desafios concretos

Professora de Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), a arquiteta urbanista Paula Santoro está acompanhando famílias inteiras, de todas as faixas etárias, migrando para as ruas, uma vez que a pandemia exacerbou a crise habitacional. “Se estamos falando de desafios, ter casa é fundamental para você evitar a disseminação do coronavírus e para





A cidade de São Paulo conta com 684 km de vias para circulação de bicicletas, como este trecho na Marginal Pinheiros. No entanto, a falta de segurança, de sinalização e, principalmente, de educação para o trânsito ainda precisam ser equacionadas para o fomento desse tipo de locomoção

cuidar dos doentes. Então, eu acho que o grande desafio está em políticas públicas de habitação”, aponta.

A questão da mobilidade também é acompanhada pela arquiteta e coordenadora do LabCidade junto à professora da FAU-USP Raquel Rolnik. O **Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade** tem desenvolvido projetos de pesquisa ligados ao planejamento urbano e a estudos da paisagem, composto por 20 pesquisadores das áreas de arquitetura e urbanismo, direito, geografia, ciências sociais e comunicação. “Algumas pesquisas mostram que quem saiu para trabalhar em transporte público esteve mais exposto ao vírus. Tanto ficou mais doente, quanto, provavelmente, ajudou na disseminação do vírus”, acrescenta Paula Santoro. “E tem gente que não consegue sair para trabalhar de bicicleta ou a pé porque o modelo da cidade é um modelo em que, por vezes, as pessoas moram muito longe do trabalho. Esse é o modelo de ocupação de São Paulo.”

Por isso, complementa Silvio Oksman, é necessário rever esse desenho a fim de nos aproximarmos das dinâmicas e demandas da sociedade e integrá-las à cidade. A partir disso será possível compreender quais as ferramentas possíveis de transformação. “Ainda não temos um sistema de regulação urbana que considere essas demandas em diálogo com a sociedade. Nesse sentido, temos uma legislação distante, que entende a cidade apenas como uma grande infraestrutura. E essa aproximação, que leva tempo, permitirá compreender aquilo que precisamos para a cidade.”

Se pudéssemos, então, projetar o espaço urbano ideal num futuro pós-pandemia, qual seria? “Não existe uma fórmula única, mas, certamente, será uma cidade mais cuidadora e compartilhada”, sugere Paula Santoro. “Cuidadora no sentido que olha para as funções da cidade que exigem cuidado, por exemplo, políticas públicas territorializadas, voltadas para soluções nos bairros. E compartilhada porque a gente vai ter que compartilhar mais os espaços urbanos. Por exemplo, não serão mais funções como ‘a rua é para o carro’ ou ‘a casa é para você ficar’, porque a casa também é trabalho e a rua também é para o lazer.” ■

Espaços em HARMONIA

DESDE A IDEALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO ATÉ SUA IMPLANTAÇÃO, AS UNIDADES DO SESC SÃO PAULO SE INTEGRAM DE MANEIRA SUSTENTÁVEL E DEMOCRÁTICA À CIDADE

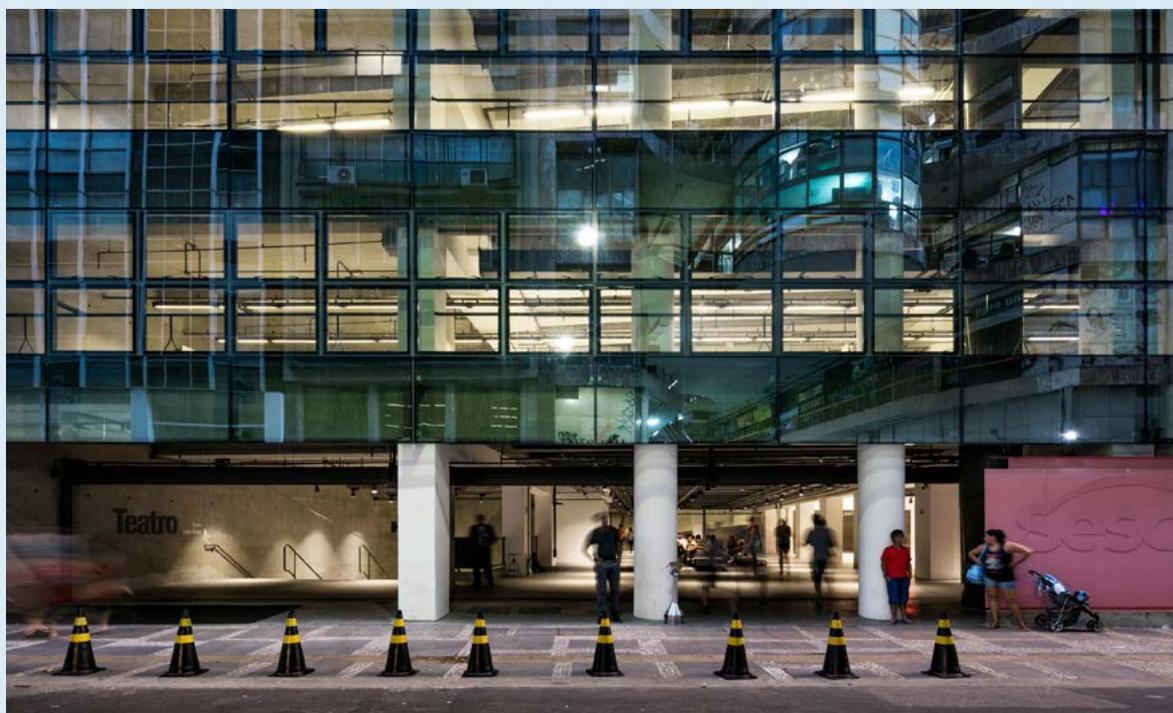
Descentralizadas e integradas ao entorno onde se localizam, as unidades do Sesc São Paulo levam em consideração acessibilidade, mobilidade, segurança e sustentabilidade desde o projeto de arquitetura e construção à utilização de seus equipamentos. “Dos portões para fora do Sesc, há a permanente preocupação com o respeito ao seu entorno, atentando aos impactos que uma unidade do Sesc leva à rotina de sua vizinhança, seja pelo aumento do fluxo de pessoas ou de carros”, explica a arquiteta Bruna Hitos Pereira, da Assessoria Técnica e de Planejamento do Sesc São Paulo. Por isso, acrescenta, “procuramos equacionar esses efeitos, fomentando a discussão com a comunidade e o poder público quanto às melhorias nas condições de mobilidade, transporte público, limpeza urbana, segurança e sustentabilidade, absorvendo muitas vezes, como contrapartida à implantação de uma unidade, melhorias de um ou mais desses pontos para a cidade, priorizando e valorizando sempre as pessoas”. Os novos projetos de arquitetura desenvolvidos para as unidades Sesc Campo Limpo, Sesc Parque Dom Pedro II, Sesc São Miguel Paulista e Sesc Limeira (em desenvolvimento) tornam-se ainda “uma extensão da cidade quando se incorporam ao passeio público e permitem a circulação dos pedestres através de suas instalações para acesso às diversas ruas que as circundam”, acrescenta.





Consórcio GSP + JPG + PMR

O Sesc São Paulo mantém o cuidado para que o edifício da unidade não se torne uma barreira simbólica, e que se constitua como uma extensão do espaço público. A exemplo do Limeira (imagem do projeto de arquitetura acima), ainda em construção, e Sesc 24 de Maio (foto abaixo).



Nelson Kon

Possibilidades à **VISTA**

CAMINHOS PARA UMA
METRÓPOLE SUSTENTÁVEL
E PARA TODOS

Soluções apontadas pela pandemia estão longe da interjeição “eureka”, atribuída ao matemático grego Arquimedes (287 a.C. – 212 a.C.) quando descobriu a resposta para uma capciosa equação. É que muitas das propostas feitas por urbanistas, engenheiros, sociólogos e outros especialistas para os problemas produzidos e enfrentados pelas metrópoles já estavam dadas. Como a melhoria e construção de ciclovias e calçadas, mais espaços públicos para convivência, prática físico-esportiva e com equipamentos de lazer, mais áreas verdes e preservação daquelas existentes. Porém, a Covid-19 evidenciou a necessidade urgente de adoção dessas medidas e abriu um diálogo para novas propostas que focam em uma metrópole sustentável e para todos. Confira algumas:



Natureza integrada

Ruas arborizadas, praças e parques se tornaram refúgios para caminhar, ler, brincar, se encontrar e assim experimentar a chamada “vitamina N”, de natureza, como foi denominada pelo pesquisador norte-americano Richard Louv. Isso porque já foram comprovados os inúmeros benefícios que esses espaços geram à saúde física e mental de seus frequentadores. A necessidade, portanto, de áreas verdes em todas as regiões da cidade tornou-se ainda mais evidente na pandemia. A exemplo do **Sesc Itaquera**, na zona leste de São Paulo, uma unidade-parque dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) que integra moradores e frequentadores da região à natureza e realiza práticas educativas e de sensibilização ambiental na cidade, como cultivo de horta, gestão de resíduos e compostagem.



Guararã, Basso



Adriana Vichi

Parques concretos

O fechamento de avenidas e ruas na capital paulista aos domingos e feriados mostrou a necessidade de utilização desses espaços para lazer, convivência e práticas físico-esportivas por parte da população. A Paulista Aberta foi uma reivindicação e conquista da sociedade civil em 2016, com a criação oficial do Programa Ruas Abertas e Paulista Aberta, resultado da mobilização de ONGs, coletivos e cidadãos. Outro exemplo de reivindicação de espaço público é para que o **Minhocão** (elevado Presidente João Goulart), outra via ocupada e aberta aos moradores da região aos sábados e domingos, se torne um parque permanente.

Comércio local

Consumir de empreendedores do bairro também se tornou uma importante ação na pandemia, não só pela necessidade de evitar aglomerações em grandes centros comerciais, como shoppings, e para evitar longos deslocamentos até esses espaços, como também para o fomento do comércio local. Já estão sendo avaliadas e adotadas alternativas para que esses locais se fortaleçam. Por exemplo, em 2020, foi apresentado o projeto *Ruas Vivas*, desenvolvido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo (IABsp), em parceria com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP). O objetivo do projeto é realizar intervenções temporárias em ruas da capital, a fim de transformá-las em espaços com segurança viária e sanitária para os moradores e frequentadores da região.



Adriana Vichi

Vou de bike

A redução de automóveis movidos a combustíveis fósseis e o aumento de pistas e alternativas para uma mobilidade zero carbono ainda são um grande desafio. A cidade de São Paulo conta com 684 km de vias para circulação de bicicletas, sendo 651,9 km de ciclovias/ ciclofaixas e 32,1 km de ciclorrotas, segundo dados da Companhia de Engenharia de Tráfego. No entanto, a falta de segurança, de sinalização e, principalmente, de educação para o trânsito ainda é um entrave para que mais habitantes possam optar pela bicicleta.

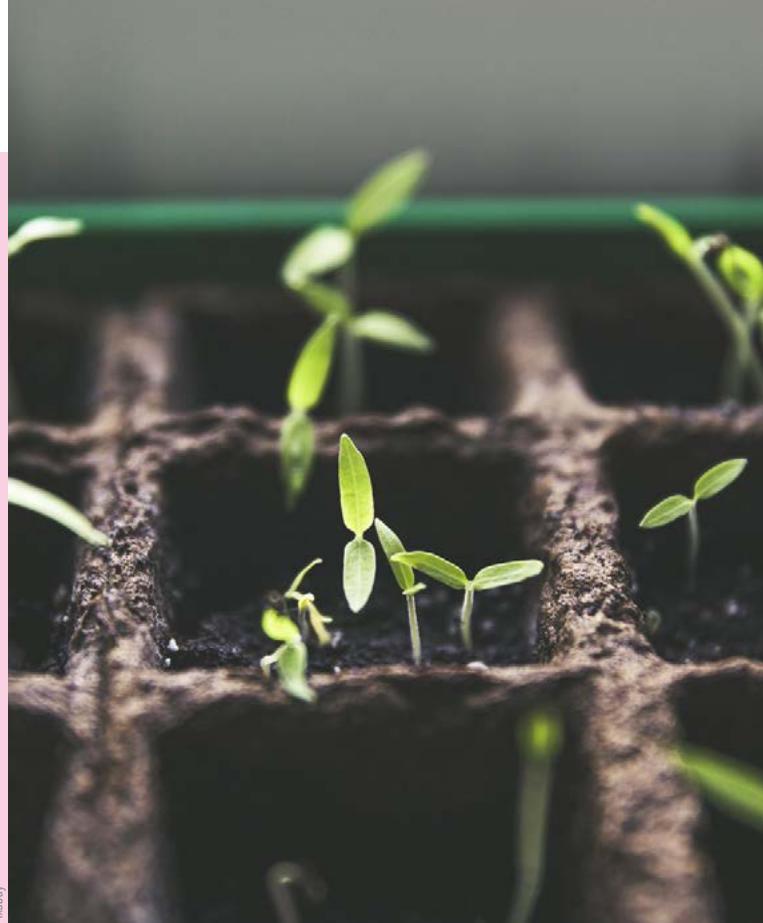
Ideias na **PRÁTICA**

SEMINÁRIOS, DEBATES, CURSOS
E OUTRAS ATIVIDADES REFLETEM
SOBRE ALTERNATIVAS E MUDANÇAS
PARA O ESPAÇO URBANO

Como reconhecer as lógicas dos atuais contextos urbanos e propor cidades mais acessíveis e democráticas? Essas e outras questões foram debatidas na 16ª edição do Seminário Internacional Escola da Cidade 2021, realizado pelo Sesc São Paulo em parceria com a Escola da Cidade em agosto. Durante a programação, especialistas do Brasil, da Itália e da Argentina propuseram formas de olhar para a cidade a partir de questões sociais, culturais e econômicas que podem contribuir para o desenho da cidade.

“As conferências, palestras e debates demonstravam que as cidades não são vividas de forma igual, apesar de muitas vezes serem desenhadas para um tipo específico de pessoa, gênero e classe social, como se existisse um ‘cidadão universal’”, observou a arquiteta Sabrina Fontenele, uma das curadoras e coordenadoras do seminário. Nas discussões, segundo Fontenele, muitos especialistas demonstraram que é preciso torná-las mais democráticas. “A fala da arquiteta argentina Ana Falú apontou possibilidades e metodologias a partir de uma perspectiva de gênero, mas também do trabalho em rede. A conferência dessa ativista feminista dialogou diretamente com as falas da historiadora Monica Lima, quando discutiu a memória negra no Rio de Janeiro, a experiência da arquiteta Ester Carro no Jardim Colombo, entre tantas outras que demonstraram possibilidades de atuar na cidade”, relata.

Neste mês, outra programação também levantará reflexões sobre a cidade tendo como lupa a questão da sustentabilidade. Parceiro da Virada Sustentável de São Paulo, cuja 11ª edição acontece entre os dias 2 e 22 de setembro, o Sesc São Paulo realiza diversas atividades em unidades da capital, interior e litoral. Serão oficinas, cursos, debates, exibições de filmes, entre outras ações online. Confira alguns destaques:



Phababy

PINHEIROS

Práticas de Permacultura Urbana no Cotidiano

Neste ciclo de encontros, quatro mulheres participantes da Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã irão apresentar, em rodas de conversa e oficinas, como os princípios e a ética da permacultura podem ser colocados em prática em ambientes urbanos. (De 14 a 17/9, das 19h às 21h, pela plataforma Microsoft Teams. Diretamente pelo link: <https://bityli.com/aQw7u>)

POMPEIA

Mobilidade, desigualdades e direito à cidade

O encontro propõe discutir as políticas públicas que vêm sendo adotadas para mobilidade urbana nas cidades brasileiras, diante da necessidade de incentivar meios de locomoção mais sustentáveis, e como elas se relacionam com as demandas da população pobre e periférica, que mora longe dos grandes centros e depende de transporte público. (Dia 22/9, das 16h30 às 18h, pela plataforma Zoom. Inscrições a partir do dia 15/9, às 14h, até 22/9, às 10h, pelo link: <https://inscricoes.sescsp.org.br/>)

SANTOS

Emergências do Século 21: A Cidade em (De)Composição

Neste debate com o empreendedor solidário Lucas Carvalho e o artista e especialista em agrofloresta André Cerveny, o assunto é como a arte contemporânea se soma a empreendimentos solidários de compostagens. Ações que pulsam em diversas cidades brasileiras e que impactam a construção das utopias das cidades em que queremos viver hoje. (Dia 22/9, das 19h às 20h30. Assista no [canal do YouTube do Sesc Santos](#))



Freepik



Pixabay

24 de MAIO

Usando Hortas e Compostagem como Plataformas Educativas

Neste curso voltado a educadores(as), multiplicadores(as) e demais pessoas interessadas nas temáticas da horta e da compostagem como plataformas educativas, será possível compreender melhor esses conteúdos e compartilhá-los dentro de suas áreas de atuação e territórios. Com Pé de Feijão. (De 16/9 a 21/10, das 19h às 21h, pela plataforma Zoom. Inscrições a partir de 7/9, às 14h, até dia 16/9, às 17h. Saiba mais: <https://inscricoes.secsp.org.br>)

GUARULHOS

Resíduos Sólidos: O Que Fazer?

Nesta série de conteúdos publicados nas redes sociais da unidade, o público terá acesso a informações sobre gerenciamento de resíduos sólidos nos centros urbanos e à problemática que envolve esse tema, bem como a questões locais do município de Guarulhos. (De 3/9 a 1º/10, novas publicações todas as sextas-feiras, às 17h. Confira pelo [Instagram](#) e [Facebook](#) do Sesc Guarulhos)



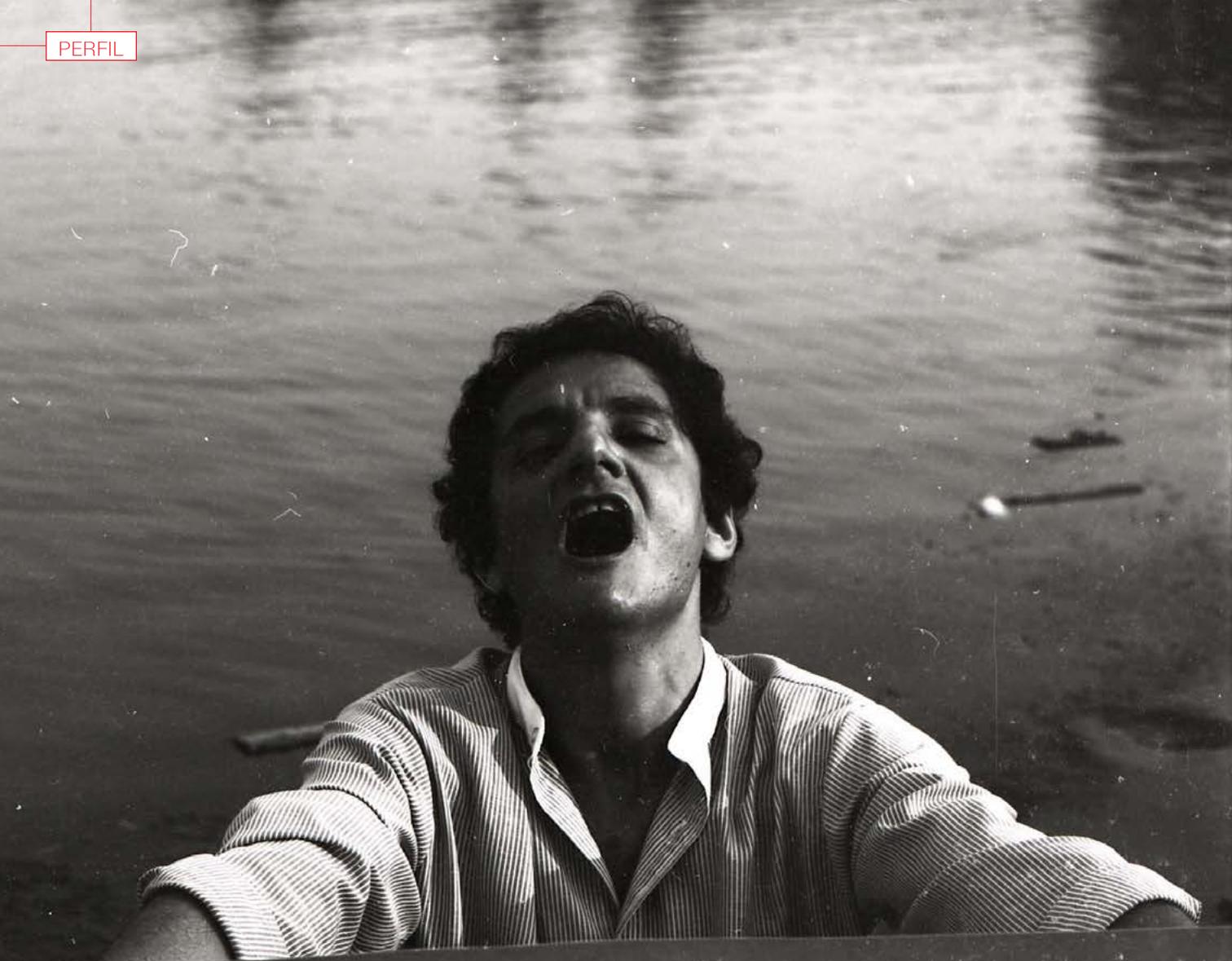
Pixabay



Cristina Flória

SESC DIGITAL

Durante a 11ª edição da Virada Sustentável, o Sesc São Paulo vai disponibilizar uma seleção de conteúdos audiovisuais que abordam a questão socioambiental, buscando promover reflexões sobre as relações entre os seres humanos e o meio ambiente, assim como aspectos socioculturais implicados na construção de uma experiência sustentável. Entre os títulos exibidos, o documentário *Kunhangue Arandu: A Sabedoria das Mulheres* (Brasil, 2021), dirigido por Cristina Flória e Alberto Alvares, realizado na Terra Indígena Jaraguá, no município de São Paulo, mostra o universo das mulheres Guarani e sua resistência para manter o *nhandereko*, o modo de ser Guarani. (De 6 a 22/9. Assista: <https://sesc.digital>)



SWING

Antonio Carlos Miguel

TODOS EM UM

A PUJANÇA E O TALENTO CRIATIVO DO POETA,
COMPOSITOR E DIRETOR DE TEATRO JORGE SALOMÃO

Cosmopolita, expansivo, agregador, ligado à música, às artes visuais e ao teatro. Jorge Salomão, um dos nomes marcantes da contracultura no Brasil, sabia ser múltiplo e, principalmente, viver o seu tempo com entrega. Baiano da cidade de Jequié, fez parte, no início dos anos 1970, das manifestações culturais vanguardistas e libertárias que tinham o Rio de Janeiro como epicentro e desafiavam a ditadura militar vigente. Em sua companhia, a presença luzente do irmão, o poeta Waly Salomão (1943-2003), um dos expoentes da estética pós-tropicalista (*leia mais no boxe* Entre irmãos).

A partir de 1977, Jorge desbravou Nova York, testemunhando a ascensão de figuras como Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1990), ícones da arte urbana que despontavam no período. A experiência seria fundamental para o estilo que ele viria a exercitar, na década de 1990, em sua obra literária, como explica Christovam de Chevalier, jornalista, poeta e amigo do artista.

“Ele poderia ter reinventado uma literatura mais regionalista, como aconteceu com Raduan Nassar, ou ter feito uma literatura urbana que mantém vínculos com um viés mais interiorano do autor, como percebemos na literatura do Caio Fernando Abreu (1948-1996) e João Gilberto Noll (1946-2017), autores do Rio Grande do Sul”, analisa. “Mas, na cidade, Salomão viu de perto o trabalho de pintores como Andy Warhol (1928-1987). Da mesma forma que esses artistas foram extremamente inovadores na arte visual, ele leva essa mesma inovação para o discurso poético, e isso faz dele único”, reflete Chevalier.

Nos Estados Unidos, o poeta baiano conviveu, ainda, com o artista performático, pintor e escultor carioca Hélio Oiticica (1937-1980), com quem desenvolveu uma grande amizade.

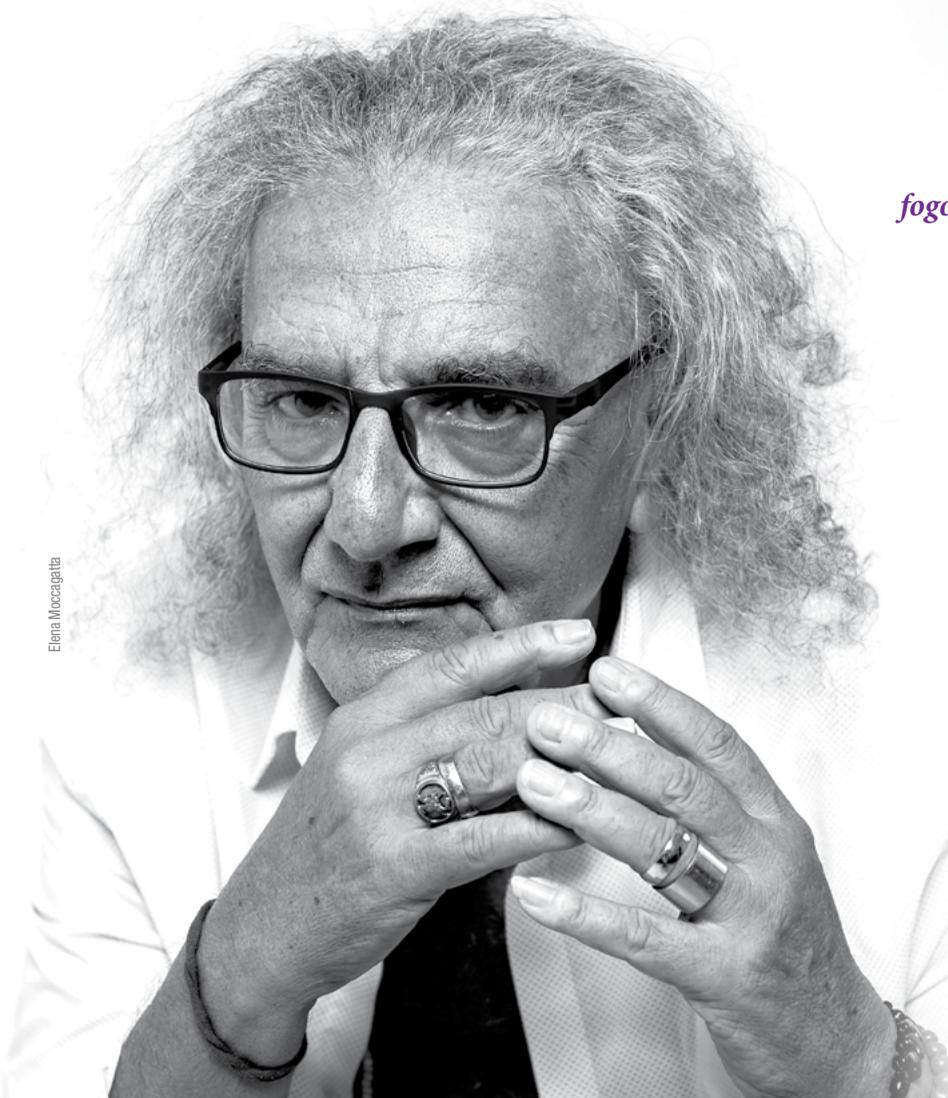
FÚRIA E FOLIA

De pai sírio e mãe baiana, sertaneja – aos quais atribuía, respectivamente, seu lado afetuosos e comunicativo –, Jorge Salomão, nascido em 1946, estudou direção de teatro, na juventude, com o teórico e diretor gaúcho Luiz Carlos Maciel (1938-2017), na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Maciel, um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, é considerado pioneiro na divulgação da contracultura no país.

Aos 17 anos, o jovem Salomão fez a assistência do mestre na encenação de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Posteriormente, assinou a direção de várias montagens de destaque, entre as quais *A Boa Alma de Setsuan*, de Bertolt Brecht (1898-1936). Em *O Macaco da Vizinha*, comédia de costumes de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), inseriu canções dos Beatles e Rolling Stones na trilha sonora.

Em 1971, estabelecido no Rio de Janeiro, era presença frequente nas Dunas do Barato (também chamadas de Dunas da Gal, em homenagem à cantora Gal Costa), trecho próximo ao antigo píer da praia de Ipanema que servia de ponto de encontro para os artistas do movimento Desbunde – entre eles, os compositores Caetano Veloso e Jards Macalé e o cineasta Glauber Rocha (1939-1981).

Naquele ano, Jorge passou a colaborar com o esboço conceitual da revista *Navilouca* – criada por Waly e o poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972) –, partidária das manifestações artísticas de vanguarda, como a Tropicália, o cinema marginal e a poesia concreta. A emblemática publicação, com o inconfundível projeto gráfico de Oscar Ramos (1938-2019) e Luciano Figueiredo, contou com poucos recursos e circulou apenas por uma edição, em 1974, como uma antologia de poetas experimentais.



fogo

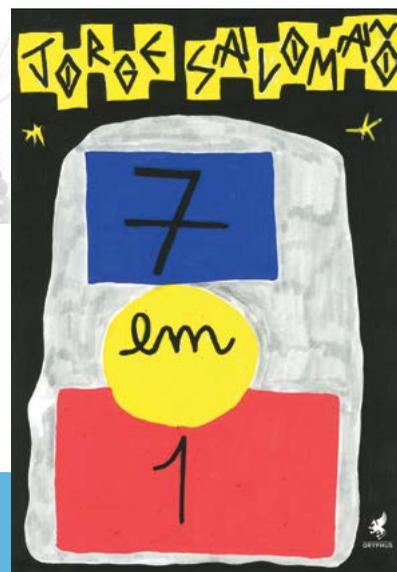
falo o que falo
 minha voz não treme
 nem tremula o ímpeto que nela há
 ela é límpida
 como o sol
 sobre o varal de roupas penduradas
 é certa, afiada
 não carrega mentiras
 essa é sua estrada
 não camufla verdades
 nem esconde emoções
 é linguagem

fogo, do livro *Alguns Poemas e + Alguns*, 2016

Já em março de 1972, Jorge Salomão dirigiu e produziu o histórico espetáculo *Luiz Gonzaga Volta pra Curtir*, que levou o sanfoneiro e “Rei do Baião” ao palco do Teatro Tereza Rachel, no Rio. No mesmo ano, atuou no cinema, pela primeira vez, em *A Múmia Volta a Atacar*, de Ivan Cardoso. Versátil, repetiria a experiência em 1992 com *Perigo Negro*, de Rogério Sganzerla (1946-2004).

LÍNGUA NO FORMIGUEIRO

Em 1984, Salomão daria início às experimentações de sua vertente letrista musical, incentivado por Waly e pelo também poeta e amigo Antonio Cicero. “Ter estreado poeticamente na música permitiu ao Jorge deixar a forma, o cânone de lado, e ter uma agilidade e uma precisão no discurso que ele leva para toda sua poesia”, explica Christovam de Chevalier.



ANTOLOGIA 7 EM 1

Com texto de contracapa assinado pela escritora Nélide Piñon, esta edição contém os volumes *Mosaical* (primeiro livro, lançado em 1994, aos 47 anos), *O Olho do Tempo*, *Campo da América*, *Sonoro*, *A Estrada do Pensamento*, *Conversa de Mosquito* e *Alguns Poemas e + Alguns*, lançados, originalmente, entre 1994 e 2016. A obra oferece uma ampla visão sobre a evolução de temas e formatos da poesia de Jorge Salomão.

Editora: Gryphus, 2019, 252 páginas

Entre irmãos

PARCERIA TEVE INÍCIO AINDA NA INFÂNCIA E CONTINUOU FIRME AO LONGO DOS ANOS

Jorge e **Waly Salomão** (foto) tinham o mesmo sorriso largo e uma diferença de idade de três anos. Embora donos de personalidades fortes e carismáticas, eram diferentes, cada um com sua forma singular de se expressar, de acordo com o filósofo Khalid Salomão, filho de Waly. “Uma similaridade talvez seja o amor pela arte, música e literatura, que certamente consideravam bens básicos para qualquer existência. Meu pai sempre acreditou na literatura como elemento de mudança, que deveria fazer parte de qualquer cesta básica, e Jorge compartilhava tal sentimento”, relata. Em suas últimas entrevistas, Jorge afirmava ter finalizado uma obra em homenagem ao irmão, cujo título provisório é *Duas ou três coisas que sei dele ou Waly, Waly!*, ainda sem previsão de edição e lançamento.

Na infância, os artistas tinham o hábito de ouvir a Rádio Nacional e dividiam o apreço pelos livros. Na ampla casa em Jequié, repleta de árvores no quintal, a prole composta de dez filhos brincava interpretando, no improviso familiar, cenas que apenas escutavam nos programas de auditório da época, pois não havia acesso à televisão. Mesmo assim, a diversão era garantida pela dupla galhofeira. Seguiram bem-humorados – e unidos – durante toda a vida.

Como irmão mais velho, Waly foi o primeiro a completar os estudos secundários em Salvador. No final dos anos 1960, ele seria, também, o precursor da mudança para o eixo Rio de Janeiro-São Paulo, após se formar em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Em 1967, Jorge seguiria os passos do irmão. “Esse cuidado sempre permeou a relação dos dois. Minhas lembranças são associadas a essa dinâmica familiar entre irmãos que, normalmente, é atravessada por encontros e desencontros, mas em que prevalece o amor, sentimento sempre presente”, diz Khalid Salomão.



Waly Salomão | Foto: Antônio Carlos Miguel

Uma das parcerias mais prolíficas de Jorge Salomão foi com o cantor, compositor e arranjador Nico Rezende. Juntos, entre outros trabalhos, compuseram *Noite*, famosa na voz de Zizi Possi, do álbum *Amor & Música* (1987), e *Pseudoblues*, interpretada por Marina Lima em uma das faixas do disco *Virgem*, também lançado em 1987 (*leia mais no boxe Vozes em celebração*).

“Conforme fazíamos as canções, ele foi se descobrindo poeta”, relembra Nico Rezende, que enaltece a constante alegria que o parceiro esbanjava nos momentos de criação conjunta. “Além de ser multifacetado, aonde ele chegava não havia desânimo ou tristeza”, complementa.

Nas palavras do artista visual João Salomão, filho do poeta, aos múltiplos talentos e legado artístico do pai pode-se somar uma personalidade fascinante, solar. “Ele acordava muito cedo, já cantando, dançando. Como uma frase que costumava dizer: ‘Os monstros acordam cedo’. Abria as janelas para o novo dia e gritava: ‘Viva! Viva! Viva!’. Uma energia contagiante”, rememora.

Vivendo na mesma Nova York que impactou o artista décadas atrás, João acompanhou o pai no hospital por ocasião das cirurgias que antecederam sua morte, dia 7 de março de 2020, aos 73 anos, em decorrência de complicações médicas causadas por um infarto. “Tive, por fim, a oportunidade de dizer-lhe que ele seria avô de uma menina. Rumi Lua Tiari Salomão fará 1 ano.” ■

duplo

*eu e minha sombra
na poça d'água
na lama
no carnaval
no circo
no disco a rolar
no alto mar
no deserto dos dias
no negro de nós
eu ela
a voar
juntos a brincar
conforme a luz
jogo de amar*

duplo, do livro
Mosaical, 1994

em mim não habita o deserto que há em ti

*em mim não habita o deserto que há em ti
minha alma é um oásis luminoso
você constrói sua jaula, e nela quer ficar
cuidado
eu faço o que acho que deve ser feito na hora certa
existe diferença entre paixão e projeção?
será que terei de me tornar um insensível
só pra suprir a demanda do mercado atual?
quanto mais eu me acho mais eu me perco
que os tambores batam
e que tudo se acenda forte!*

*em mim não habita o deserto
que há em ti*, do livro *Mosaical*, 1994





Tomada Produções

Vozes em celebração

DISCO *POÉTICAS* REÚNE GRANDES INTÉRPRETES PARA HOMENAGEAR OBRAS DO MULTIARTISTA

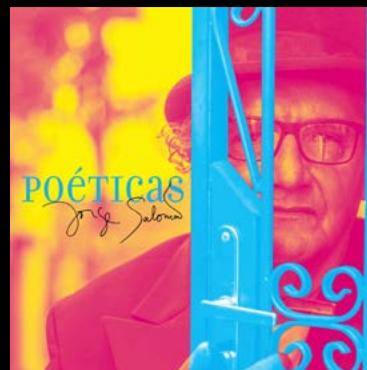
O álbum *Poéticas*, lançamento do Selo Sesc já disponível nos principais players de streaming, presta um tributo póstumo a Jorge Salomão. Gravado entre 2019 e o início de 2020, sob o olhar atento do artista, que acompanhou todo o processo de registro, o trabalho apresenta 15 faixas em que é possível percorrer distintas épocas de sua carreira.

Com direção artística de Luiz Nogueira e direção e produção musical de Mario Gil, *Poéticas* traz novas roupagens para os hits *Pseudoblues*, revisitado pela cantora paulistana Mônica Salmaso (foto), e *Noite*, que recebeu a interpretação de Renato Braz.

Canções inéditas foram gravadas apenas agora, como *Todas as Manhãs*, na voz de Roberto Frejat, o parceiro mais frequente do poeta baiano. *Comendo Vidro*, escrita com Guto Goffi e interpretada por Zeca Baleiro, também é destaque da coletânea. O álbum tem, ao todo, a participação de 13 cantores e cantoras de diferentes gerações. Ao estilo do homenageado, concentra um amálgama de apostas ao lado de artistas consagrados, como Wanderléa, Zélia Duncan, Áurea Martins, Jussara Silveira, Chico Chico (filho de Cássia Eller), Almério, Khrystal, Patrícia Mellodi e Dani Black.

No texto de apresentação do disco, o jornalista Cláudio Leal define bem a seleção: “*Poéticas*, assim no plural, é o álbum de canções de um artista numeroso: diretor teatral, ator, iluminador, agitador, letrista, performer. Ou, numa síntese, poeta e malabarista. Seu destino é um lance de dados, seu reino é deste mundo. E ele, *Navilouca*, só se estabiliza quando em chamas. A poesia de Jorge Salomão domina a linguagem do fogo e nos convida a dançar em volta de sua fogueira”.

*Para escutar *Poéticas*, acesse: <https://tratore ffm.to/poeticas> e <https://sesc.digital/colecao/poeticas>



Divulgação



Maurício Adinolfi.
Perequê, 2021. Madeira,
ossos de baleia e cabos
de aço. Núcleo Mar

Territórios da criação

UM PANORAMA
ATUAL DAS PRODUÇÕES
DE ARTE NA BAIXADA SANTISTA

As cidades da Baixada Santista, no litoral sul paulista, têm algo em comum além da localização geográfica. A região é, hoje, um terreno fértil para artistas com trabalhos em diferentes linguagens, técnicas e suportes. Até 20 de novembro, parte dessas criações pode ser apreciada na exposição inédita *PORTOS – Processos Orientados via Território e Ocupações Santistas*, idealizada pela equipe técnica da programação do Sesc Santos, em parceria com a curadora Ilana Goldstein, antropóloga e professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

“Um dos principais propósitos da mostra é dar visibilidade não somente aos criadores que nasceram nos municípios de Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe e Cubatão – e seus territórios indígenas –, mas também aos que trabalham nessas localidades, tenham vivido nelas ou cujas obras dialogam com elas”, explica Ilana Goldstein. “O recorte da curadoria teve alguns eixos, e um deles foi a conexão entre o artista e o território da Baixada Santista.” (*Leia mais no boxe Embarque imediato*)

Assim, a mostra também apresenta ao público a ampla produção artística local, que ainda possui poucas alternativas de salas expositivas. “Normalmente os espaços de arte são muito mais numerosos nas capitais, e as exposições, mesmo aquelas que passam por Santos, muitas vezes são planejadas em outros lugares”, avalia a docente. “Em tempos de pandemia, é um bom caminho para os equipamentos culturais, para os coletivos, buscar essa atuação mais próxima.”

FORMA E CONTEÚDO

A partir desse olhar, foi possível selecionar uma gama heterogênea de trabalhos, que passeiam pela arte contemporânea, autodidata e indígena, por exemplo, e primam pela representatividade. Dos 61 artistas presentes na exposição – em meio a um levantamento inicial com mais de 300 nomes –, seis são indígenas. Para realizar esta seleção, a curadoria contou com a colaboração de Cristine Takuá, professora e artesã do povo Maxakali, e Carlos Papá, realizador audiovisual Guarani Mbya, curadores convidados da Aldeia das Terras Indígenas do Rio Silveira, localizada na divisa entre Bertioga e São Sebastião.

“A ideia é apresentar linguagens e técnicas artísticas variadas, de forma horizontalizada, sem hierarquizações – com obras que vão do *site specific* e abstracionismo a trabalhos com escamas de peixe e barcos de madeira”, pontua Aline Stivaletti Barbosa, técnica de programação cultural do Sesc Santos. Outro recorte fundamental tem a ver com o conteúdo das obras. “Do ponto de vista social, os temas dos trabalhos trazem questionamentos caros à arte contemporânea, como a questão da pandemia da Covid-19, a precariedade de moradia, a diversidade de corpos e o impacto da ação humana no meio ambiente.” ■



Rodney Assunção

Maurício Ianês. *Fronteiras*, s/d. Vinil adesivo, dimensões variadas. Núcleo Terra

EMBARQUE IMEDIATO

EXPOSIÇÃO OFERECE UM PASSEIO POÉTICO POR SÍMBOLOS DA REGIÃO

Trabalhos em xilogravura, cestaria tradicional, fotografia, videoarte, desenho, escultura e grafite, entre outros, fazem parte da mostra *PORTOS*, que é dividida em quatro núcleos. O primeiro, intitulado *Mar*, é voltado para a navegação e o porto, profundamente ligados à história e ao cotidiano das cidades da Baixada Santista; o segundo e o terceiro núcleos, que se interligam, estão focados nas formas de habitar a *Terra* e a *Cidade*, com suas paisagens natural e urbana; o quarto e último, *Retratos*, alude à diversidade étnica e social, aos diferentes sujeitos que habitam o território e a suas relações.

“Na primeira sala da exposição, há uma sugestão de visita. Pensando nas embarcações, rotas e sinalizações, o público poderá percorrer o espaço olhando para as semelhanças ou diferenças encontradas entre as obras, traçando possíveis diálogos”, destaca Flávia Paiva, curadora educativa da exposição, que também conta com uma rádio online.

A proposta dessa rádio é trazer entrevistas mensais com artistas presentes na exposição. O público também é convidado a compartilhar uma história ou memória enviando um áudio gravado, que será agregado a um conjunto de depoimentos que ecoa pela mostra.

Para agendar sua visitação, acesse:

seccsp.org.br/santos

Ou baixe o APP Credencial Sesc SP no [Google Play](#) ou [App Store](#)

Para fazer um passeio em realidade virtual pela exposição *PORTOS*, acesse: bit.ly/conteudodigitalPORTOS

Para ouvir a programação da rádio *PORTOS*, acesse: <https://linktr.ee/educativoportos>



Bruna Quevedo

Marcos Piffer. *Pintura das linhas do campo* | Vila Belmiro, Santos, SP, 2018. Impressão com pigmentos minerais sobre papel Performance. Núcleo Retratos

Bruna Quevedo

Fred Casagrande. *Sem título*, 2011.
Pigmento mineral sobre papel.
Núcleo Cidade







Jhoni Morgado. *Intervenção urbana em manutenção: O Juízo Final*, 2021. Pintura mural. Núcleo Cidade



Laércio Alves. *O bonde do amor e da liberdade*, 2021. Escultura em arame. Núcleo Cidade

Fotos: Bruna Quevedo



◀ Wilson Santos. *Dique da Vila Gilda - Palafitas*, 2021. MDF e madeiras reutilizáveis. Núcleo Cidade

▶ Elizeu Werá Tukumbo da Silva e Thiago Verá Benites da Silva (Aldeia Rio Silveira – Bertioga | Etnia Guarani) *Bichinhos*, 2021. Madeira caxeta. Núcleo Terra





Coletivo (a)gente. Fotografia de Maurice Pirotte.
Invasões poéticas, 2020, pigmento mineral
 sobre papel. Núcleo Cidade



Fotos: Bruna Quevedo

◀ Elisabeth Ruivo.
Sem título, 2021.
 Cerâmica. Núcleo Mar

Marcus Cabaleiro. ▶
Pescador de ilusões,
 2016. Pigmento
 mineral sobre papel.
 Núcleo Mar



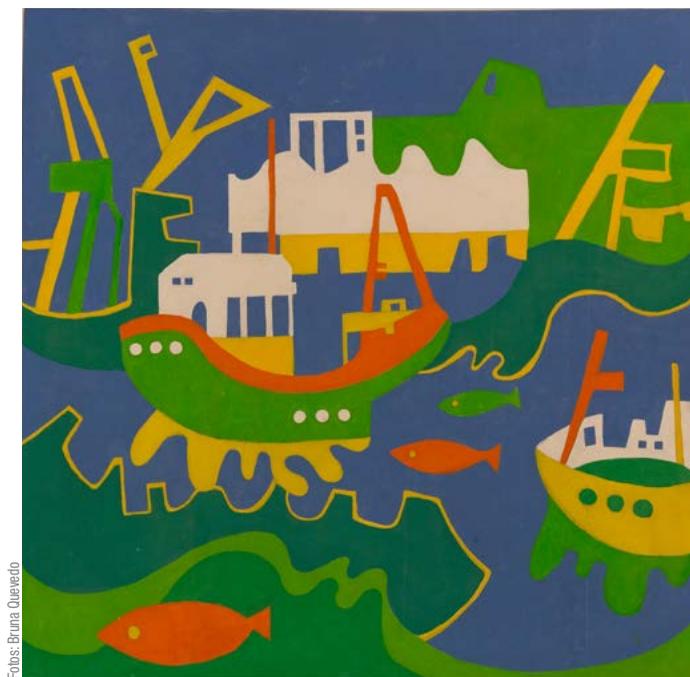


Tubarão dulixo. *Punk my carroça*, 2016. Madeira, papel e sucata. Núcleo Retratos





Ildefonso Torres Filho. *Sem título*, 2010. Acrílica sobre papel, 32,5 x 48 cm. Núcleo Mar



Fotos: Bruna Quevedo

◀ Gilda Figueiredo. *Barcos entre guinchos I*, 2000. Acrílica sobre tela. Núcleo Mar



Gilda Figueiredo. *Barcos entre guinchos II*, 2000. Acrílica sobre tela. Núcleo Mar



Idefonso Torres.
Alfândega I, 2005.
Acrílica sobre tela.
Núcleo Mar



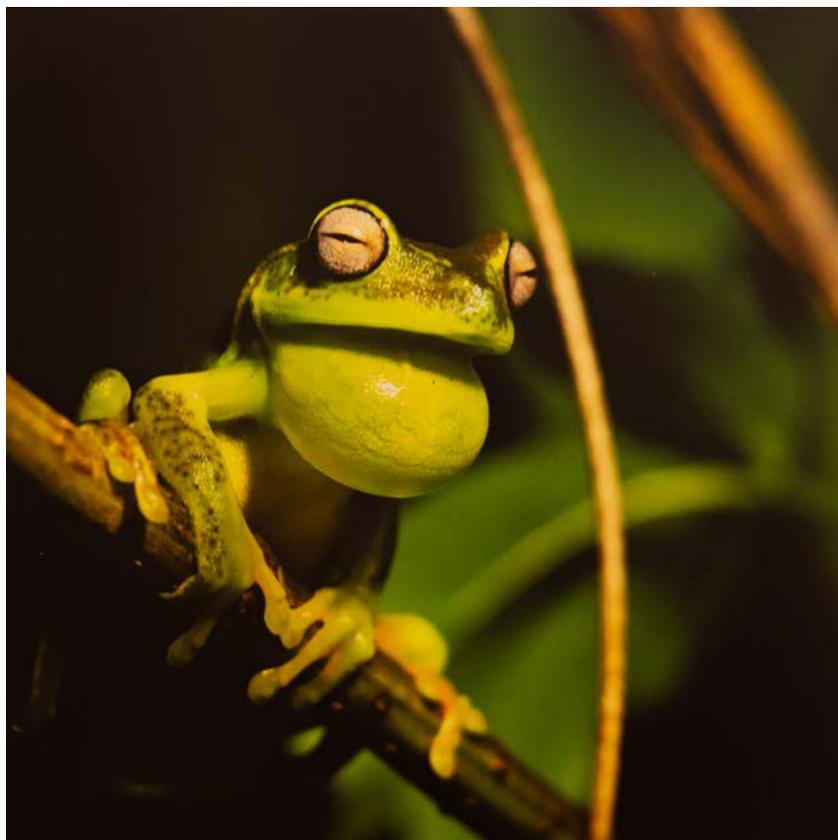
Marcus Cabaleiro. *Gratidão*, 2019. Pigmento mineral sobre papel. Núcleo Retratos



Fotos: Bruna Quevedo

Fred Casagrande. *Sem título*, 2015. Pigmento mineral sobre papel. Núcleo Retratos

Fulvia Rodrigues.
A serenata Sr. Perereca
Araponga (Hypsiboas
albomarginatus), 2017.
Pigmento mineral sobre
papel. Núcleo Terra



▲ Fulvia Rodrigues. *Surpresa da tarde*
Cobra Cipó (Chironius fuscus), 2020.
Pigmento mineral sobre papel. Núcleo Terra

Fulvia Rodrigues. *Tucano-de-bico-verde* ►
(Ramphastos dicolorus) (filhote), 2018.
Pigmento mineral sobre papel. Núcleo Terra



Bruna Quevedo

Izaura Campos. *Mar*, 2021. Instalação, técnica mista com conchas e escamas de peixe tratadas, garrafas, bules, porta-retratos, colheres de bambu, fotografias em papel, rede de pesca e balaios.





ECOS do MODERNISMO

LEGADO DA SEMANA DE ARTE
MODERNA É FOCO DE DEBATE
NO CENTENÁRIO DO EVENTO

Aruptura com o passado tem sido discutida como a marca da Semana de Arte Moderna, realizada na capital paulista em 1922. Pautada por um espírito em oposição à arte de teor conservador, que se dizia predominante no país, e em busca de um lugar num mundo em processo de renovação, reuniu participantes que tinham a intenção de abalar o *status quo*. Naquele ano, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, escritores, artistas plásticos, pensadores, músicos e outros protagonistas da cena cultural da época procuraram chocar os mais provincianos ao levar ao Theatro Municipal de São Paulo propostas e formas de expressão com o intuito de debater a identidade brasileira. Prestes a completar 100 anos, a Semana de 22 ainda ressoa na sociedade e inspira reflexões.

“Se entendermos a Semana como um espelho, no qual o Brasil se olhou ao longo do século 20, e se olha até hoje, para pensar nossas possibilidades, nosso lugar no mundo moderno, nossas potencialidades, nossa capacidade antropófaga de nos alimentar do que há de bom e dispensar o que não há de bom na cultura mundial, se pensarmos também na necessidade de um país de herança colonial, na constituição de si mesmo dentro do mundo, a Semana de Arte Moderna se tornou uma poderosa aliada”, constata o historiador, crítico de arte e professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) Francisco Alambert, um dos curadores do *Seminário Diversos 22: Levantes Modernistas*, que integra o projeto *DIVERSOS 22 – projetos memórias conexões*, realizado pelo Sesc São Paulo neste mês (*leia boxe 1922* no plural).

Entre os protagonistas dessa histórica manifestação cultural, debatendo o rompimento com as tradições e a experimentação nos campos da literatura, das artes visuais e da música, estão Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia e Heitor Villa-Lobos, que estiveram presentes na Semana de Arte Moderna em São Paulo. Há ainda aqueles que não estiveram no rebuliço artístico que se fez no Theatro Municipal, caso de Tarsila do Amaral, que à época estudava em Paris, mas que tiveram grande importância para o movimento modernista.



Oswald de Andrade, década de 1940 | Foto: Jorge de Castro | Acervo Arquivo Nacional

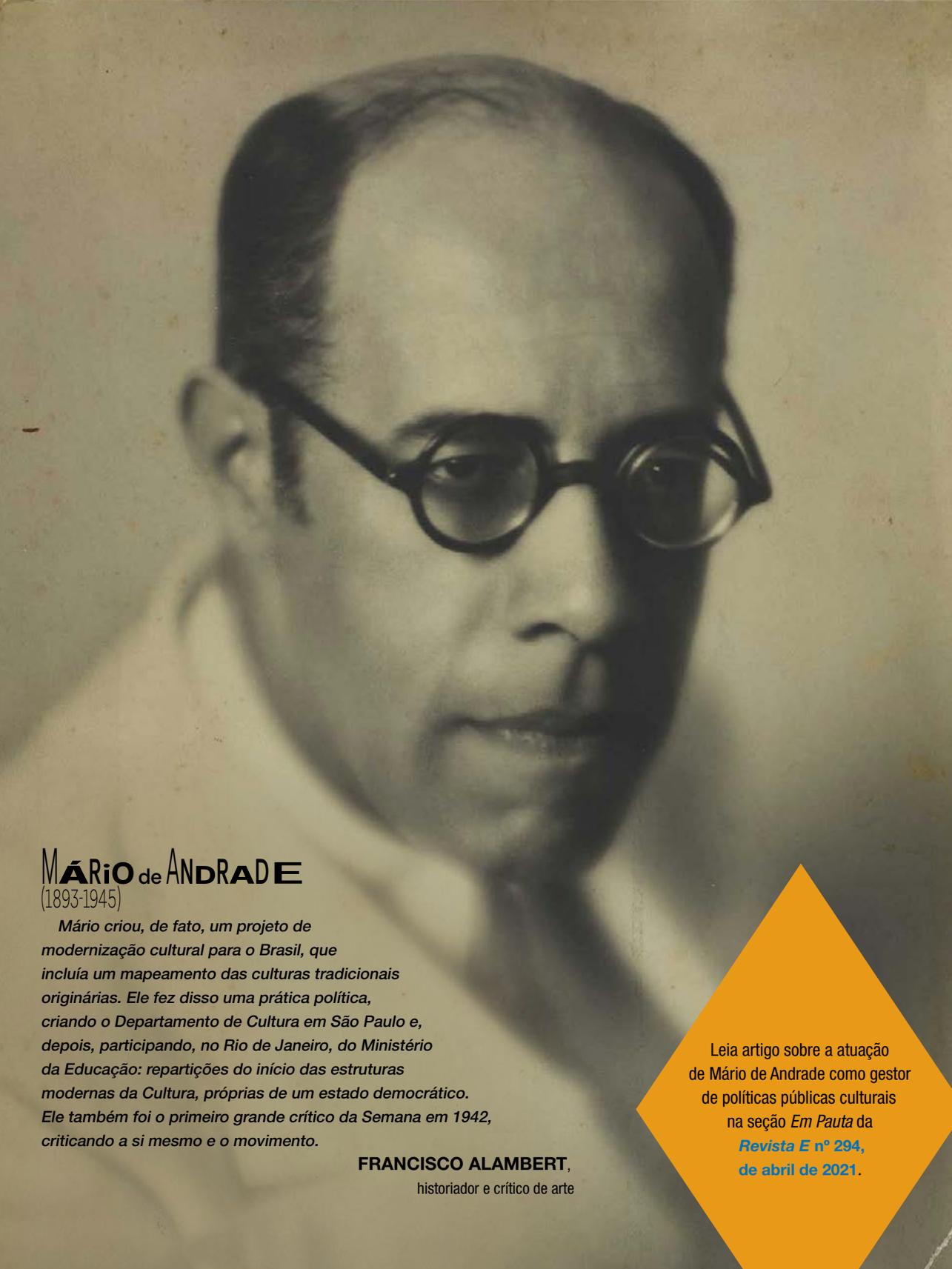
A *Revista de Antropofagia* foi a publicação mais importante do modernismo, responsável por reunir ideários do movimento. Foi nela que o modernista **Oswald de Andrade** (1890-1954) publicou, em 1928, o *Manifesto Antropófago*. Com oito páginas, a revista teve dez edições, entre maio de 1928 e fevereiro de 1929. Após uma lacuna de 30 dias, retornou em março como uma página semanal do *Diário de São Paulo*, com o título *Antropofagia – 2ª Dentição*, que durou 15 edições, de 17 de março a 1º de agosto de 1929, segundo lembra o escritor Jason Tércio, autor de oito livros, entre eles a biografia de Mário de Andrade *Em Busca da Alma Brasileira* (Estação Brasil, 2019). O escritor e editor Pedro Spigolon (revista *Intempestiva*) contextualiza a importância dessa e de outras revistas para a criação literária do país. “É nelas que, historicamente, os textos mais radicais são publicados pela primeira vez. É nelas que os principais embates e debates se formam e ganham corpo, seja iluminando inovações e criações literárias, seja confrontando e repensando a tradição”, destacou em artigo publicado na seção *Em Pauta* da **Revista E nº 296, de junho de 2021**.

Mesmo tendo “escandalizado” a sociedade por seu teor de vanguarda, o evento foi e ainda é alvo de críticas pela falta de reconhecimento de uma corrente modernista em outros estados brasileiros. Ou seja, por representar um certo “paulistocentrismo”, assim denominado por pesquisadores. “A exaltação da paulistanidade, muitas vezes em constrangedor ufanismo, sempre esteve presente no discurso e na propaganda dos rapazes modernistas. Num dos artigos da série para o *Jornal do Comércio*, por exemplo, Oswald insistia na tecla da vocação transformadora da cidade: (...) a capital do café, ‘cosmopolita e vibrante’, prestava-se em sua opinião, ‘como poucas cidades da América’, a acompanhar a revolução que se iniciava nas artes, nas letras e na música”, escreveu o jornalista Marcos Augusto Gonçalves no livro *1922 – A Semana que Não Terminou* (Companhia das Letras, 2012).

Autor de obras que colocam a verve modernista carioca sob os holofotes, o escritor e jornalista Ruy

Castro é um dos que contestam a ausência “de elenco e de obras” do Rio de Janeiro associadas ao modernismo. Ele defende: “Não há dúvida de que ninguém tinha feito música popular como o Pixinguinha antes do Pixinguinha (*músico e maestro, 1897-1973*). Ninguém tinha pintado como o Ismael Nery antes do Ismael Nery, nem tinha feito poesia como o Manuel Bandeira antes do Manuel Bandeira. E tudo isso não começou em 1922, mas em 1916, 1918, 1919, 1920, 1921. Ou seja, aquele ‘atraso’ que diziam haver em 1922 não é verdade. Porque já havia toda essa corrente cultural avançando em direção ao ano de 1922”, disse Castro em *Depoimento* publicado na **Revista E nº 295, de maio de 2021**.

Apesar dessa e de outras ressalvas, aqueles dias de 1922 são emblemáticos na história do Brasil. “A Semana de 22 foi vista como o marco inaugural do movimento modernista. O modernismo é a principal corrente de ideias do país no século 20. Por isso, é natural que se revise a Semana e se reavalie o significado do



MÁRIO de ANDRADE
(1893-1945)

Mário criou, de fato, um projeto de modernização cultural para o Brasil, que incluía um mapeamento das culturas tradicionais originárias. Ele fez disso uma prática política, criando o Departamento de Cultura em São Paulo e, depois, participando, no Rio de Janeiro, do Ministério da Educação: repartições do início das estruturas modernas da Cultura, próprias de um estado democrático. Ele também foi o primeiro grande crítico da Semana em 1942, criticando a si mesmo e o movimento.

FRANCISCO ALAMBERT,
historiador e crítico de arte

Leia artigo sobre a atuação de Mário de Andrade como gestor de políticas públicas culturais na seção *Em Pauta* da [Revista E nº 294](#), de abril de 2021.

movimento modernista”, destaca o filósofo Eduardo Jardim, autor de *Eu Sou Trezentos* (Edições de Janeiro, 2015), uma biografia de Mário de Andrade, e do estudo *A Brasilidade Modernista: Sua Dimensão Filosófica* (edição revista publicada em 2016, numa coedição PUC-Rio/Ponteio).

Jardim também participará de uma das mesas do *Seminário Diversos 22: Levantes Modernistas*. “Vou considerar o movimento modernista nos anos 1920, que comporta dois momentos diferentes de se conceber a modernização da produção cultural no país. Também vou abordar a virada nacionalista do movimento e examinar duas de suas vertentes”, adianta o pesquisador.

DE LÁ PARA CÁ

Mas e hoje? O que a Semana de 22 tem a nos dizer? Fora do Brasil, os modernistas são redescobertos e, finalmente, reconhecidos. “Seja em exposições sobre Tarsila do Amaral e Lygia Clark no MoMa (Museu de Arte Moderna de Nova York), seja quando Mário Pedrosa (crítico de arte) ganha uma exposição no Museu Reina Sofia (Madri, Espanha), ou quando os tropicalistas (que beberam do legado modernista, principalmente oswaldiano) voltam à moda”, exemplifica o historiador e crítico de arte Francisco Alambert.

Quanto ao Brasil, são muitas as reflexões sobre os ecos daquela semana no presente. “Podemos chegar à conclusão, inclusive, que ela não tem nada a dizer. Isso se, de repente, o Brasil perdeu esse lugar utópico – e a utopia é uma questão muito importante para o modernismo – de se tornar essa nação moderna, nacional e internacional ao mesmo tempo”, provoca Alambert. Ou justamente quando a Semana completará 100 anos, acrescenta o historiador, “e as suas propostas vitais de cultura, de nação, de integração parecem ter sucumbido – algo que os modernistas tinham à vista sempre, mas que não imaginavam que pudesse acontecer –, a Semana de Arte Moderna de 1922 talvez tenha muito a falar” ■

1922 NO PLURAL

SEMINÁRIO, CURSOS, EXPOSIÇÕES
E OUTRAS ATIVIDADES JOGAM LUZ
SOBRE AS MÚLTIPLAS FACETAS DO
EVENTO-MARCO DO MODERNISMO

“**A** efeméride de 100 anos da Semana – e, na sequência, de 200 anos da Independência do Brasil – constitui, portanto, oportunidade valiosa para realizarmos uma reflexão profunda sobre o que somos, sobre como o passado se relaciona com o presente e nosso papel enquanto agentes culturais que colaboram para futuros possíveis (e utópicos)”, contextualiza o Diretor Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda. Tendo em vista esse cenário, o Sesc coloca em ação o projeto *DIVERSOS 22*, que tem início em setembro e se estende até o próximo ano, composto por exposições, apresentações artísticas, debates, publicações e reedições de obras. “Este conjunto de iniciativas se baseia na convicção de que a amplitude de experiências estéticas e a fruição reflexiva devem estar a serviço da democracia, da liberdade e das condições de autonomia”, complementa.

Neste mês, o *Seminário Diversos 22: Levantes Modernistas*, sob curadoria do historiador Francisco Alambert e do Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc, apoia-se nos conceitos de modernidade (a época das mudanças), modernismo (a busca de uma linguagem transformadora e libertária para esse mundo novo) e modernização (as transformações do capitalismo) para pensar no legado da Semana de Arte Moderna 100 anos depois. “O nosso seminário quer pensar, sobretudo, 2022 [um ano importante também para a política brasileira, com eleições presidenciais]. Para isso, vamos recorrer às construções do passado para chegar aos dias de hoje: o que significa o centenário da Semana para o Brasil nas condições atuais?”, questiona Alambert.

Também começa em setembro o *ManiFesta Digital 22 na Encruzilhada*, conjunto de ações digitais que reunirá artistas, criadores, realizadores e produtores. Dessa programação faz parte a criação de conteúdos para as redes sociais, uma espécie de manifesto que vai abarcar olhares e reflexões plurais sobre os significados da Semana de 22 e do bicentenário da Independência.

Confira a seguir alguns destaques da programação:

diversos

22

projetos memórias
conexões

SETEMBRO

seminário **Diversos 22:** **Levantes Modernistas**

Além da abertura, prólogo e conferência de abertura, o Seminário *Diversos 22: Levantes Modernistas* é composto de quatro mesas que visam discutir criticamente a Semana de 22, sob curadoria do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc e do historiador e professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) Francisco Alambert. A proposta é dividir o século 20 em décadas e observar como a narrativa sobre a Semana foi sendo construída a partir das consciências possíveis de cada época, para buscar compreender o que a Semana de 22 e o modernismo têm a nos dizer sobre 2022. No dia 28/9, às 11h, o prólogo fica por conta da filósofa e escritora Marilena Chauí, e a abertura tem a participação do Diretor Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda. Em seguida, os pesquisadores Christian Dunn (EUA/Berlim), Andrea Giunta (Argentina/Paris) e o historiador Francisco Alambert participam da conferência de abertura *Modernismo e Utopia*. Entre os palestrantes confirmados para as quatro mesas estão: Graziela Naclério Forte, Eduardo Jardim, Celso Favaretto, Lígia Ferreira, Francisco Foot Hardman, Lília Moritz Schwarcz e Sergio Vaz. (As mesas serão realizadas nos dias 28 e 29/9 em dois horários: das 16h às 17h30, e das 17h45 às 19h. O seminário será transmitido pelo [canal do YouTube do Sesc São Paulo](#))

OUTUBRO / NOVEMBRO

curso **Música e Modernismo no Brasil e em Portugal: Diálogos Possíveis entre Mário de Andrade e Fernando Lopes-Graça**

Neste curso ministrado por Flávia Camargo Toni, doutora em Artes e professora titular da Universidade de São Paulo (USP) e, por Guilhermina Lopes, doutora em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), os participantes terão contato com um estudo dos contextos e das relações entre os meios musical e literário brasileiro e português na primeira metade do século 20, a partir de aspectos da trajetória artística, intelectual e política de Mário de Andrade (1893-1945) e Fernando Lopes-Graça (1906-1994). Ao todo serão quatro aulas pagas, entre os meses de outubro e novembro de 2021 (26/10, 9/11, 16/11 e 23/11)

NOVEMBRO / DEZEMBRO

curso **O Século da Semana**

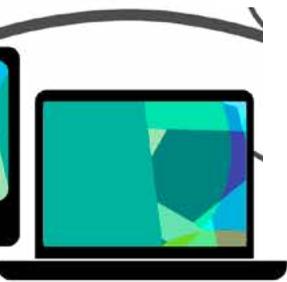
Ministrado pelo historiador e professor Francisco Alambert, o curso pago pretende dar continuidade ao olhar crítico sobre a Semana de 1922, tendo como prisma o século 20. Cada aula se apoia em um dos seguintes temas: Ser moderno em São Paulo no século 20; A Semana e aqueles três dias; Da antropofagia ao concreto: a Semana segundo Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Mário Pedrosa; e A Semana no século da Semana. (Dias 10, 17, 24/11 e 1º de dezembro, das 15h às 17h)



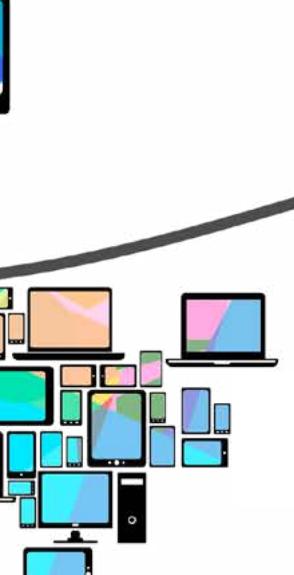
Editoria de Arte



Informação e formação para CRIANÇAS e ADOLESCENTES



Como os adultos ao seu redor têm explicado a crianças e adolescentes quais são as consequências provocadas pela Covid-19? Ao lado de pais, mães ou outros cuidadores, essa grande parcela da população assiste pela televisão ou escuta pelo rádio notícias que parecem incompreensíveis e distantes do seu dia a dia. Pela internet, então, informações e desinformações se multiplicam em sites, redes sociais e outros canais que acessam de seus celulares e computadores. Afinal, como informar crianças e adolescentes neste cenário de excessos e de *fake news*? “Essa reflexão sobre educação midiática deveria abordar a infinidade de assuntos que são publicados diariamente nas redes sociais e nos veículos de comunicação (segmentados ou não) e que nos afligem, nos angustiam e afetam nossa saúde mental, a ponto de esse excesso de informações já ter um nome: ‘síndrome da fadiga informativa’”, observa a pesquisadora Cristiane Parente, membro do grupo de estudos *Educom.Jor* e criadora do extinto suplemento do jornal *O Povo* (CE) que instituiu o primeiro Conselho Infantil de Leitores. E quais outros obstáculos podemos destacar? “É notória ainda a falta das vozes das meninas e meninos nas reportagens jornalísticas. Ao tratar de assuntos relativos às crianças, os jornalistas comumente ouvem adultos, seus responsáveis, como se elas não fossem capazes de contar sobre sua rotina e opinar sobre o que ocorre em sua vida e no mundo”, observa a professora e pesquisadora sobre educação midiática Juliana Doretto, autora de *Pequeno Leitor de Papel: Um Estudo sobre Jornalismo para Crianças* (Alameda, 2013). Neste *Em Pauta*, Parente e Doretto, que participaram do **Sesc Ideias Educação Midiática: Como Informar Crianças e Adolescentes em Tempos de Infodemia**, disponível no canal do YouTube do Sesc São Paulo, levantam perguntas e reflexões sobre o tema.



Jornalismo também é assunto das crianças

JULIANA DORETTO

Podemos não perceber, mas as crianças estão tendo contato com as notícias o tempo todo. Quando ligamos o rádio em casa ou no carro, elas estão ao nosso lado e escutam o noticiário. Quando estamos em frente à TV, assistindo ao telejornal, elas ficam conosco na sala. Mesmo se estiverem entretidas com brinquedos ou com o celular, elas estão ouvindo as notícias e também o que conversamos sobre o que está sendo noticiado. Se já fazem uso das redes sociais (mais comum entre os pré-adolescentes), encontram posts noticiosos ao percorrer a “linha do tempo” de seus perfis.

É claro que elas nem sempre compreendem o que consomem, já que essas formas de jornalismo não foram feitas pensando nelas: os temas abordados não são escolhidos a partir de suas trajetórias e contextos de vida, e a linguagem utilizada não leva em conta seus desenvolvimentos cognitivos. Mas, em minhas pesquisas, fica claro que elas acreditam que o jornalismo é importante para o seu cotidiano, pois as ajuda a entender “o que tá acontecendo no mundo”, como algumas delas me dizem em entrevistas. Ainda assim, muitas vezes elas chamam o noticiário de “chato”, porque está sempre dizendo “a mesma coisa”, com muita “tragédia” e “morte”.

Temos, no Brasil, alguns veículos que praticam o jornalismo pensando nas crianças como seu público leitor. Destacam-se alguns materiais impressos (e com versões digitais), vendidos sobretudo em escolas – como o *Joca* e o *Jornal da Criança*, e as revistas *Ciência Hoje das Crianças* e *Qualé* –, além de alguns suplementos de jornais impressos. Estes últimos, aliás, eram a nossa principal tradição, mas foram um dos primeiros cadernos a serem descontinuados após a crise que atingiu os jornais nas primeiras décadas do século 21, pela migração da publicidade para o digital.

Há ainda podcasts, como o *Radinho BdF* e o *Revisteen CBN Joca*, e o programa *Rádio Animada*, na rádio MEC. Não temos nenhum telejornal em canal aberto com abrangência nacional desde o fim do *Globinho*, no início da década de 1980. A TV Cultura, em São Paulo, exibiu o *Repórter Rá Teen Bum* até 2018.

MUNDO ADULTOCÊNTRICO

Esses veículos são sempre produzidos por equipes reduzidas, formadas, sobretudo, por mulheres, que enfrentam não apenas as dificuldades de sobreviverem no mercado midiático, mas também o preconceito dentro do próprio campo jornalístico. O noticiário produzido para (e com) as crianças é muitas vezes considerado pela chefia e pelos colegas como algo menor, banal e fácil de ser produzido.

Essa compreensão reflete algo maior, que estrutura o modo como as próprias crianças são vistas na nossa sociedade: vivemos num mundo dito “adultocêntrico”, em que os já crescidos (fisicamente) detêm a capacidade de decisão, ocupando, assim, um espaço privilegiado na sociedade, enquanto as crianças estão a eles submetidas. O dicionário também registra essa divisão. Retiro meu *Houaiss* da estante, edição de 2001, e encontro “infantil” como o que é “próprio de alguém que se comporta como criança; ingênuo, tolo”.

Mesmo algumas ações bem-intencionadas do jornalismo (até mesmo do que se destina a elas), que chamam a atenção para problemas ou melhorias nas condições de vida das crianças, acabam por vezes reiterando esse sistema social ao destacar os ganhos e perdas que meninas e meninos terão “adiante” – ou seja, quando forem adultos. Isso se espelha também no olhar para o jornalismo infantojuvenil como se fosse apenas um apoio pedagógico ao processo escolar (ainda que esse uso também seja importante). Assim, as crianças são consideradas “futuros cidadãos”, e o jornalismo atua aqui apenas como suporte para o seu desenvolvimento rumo à idade adulta.

É notória ainda a falta das vozes das meninas e meninos nas reportagens jornalísticas. Ao tratar de assuntos relativos às crianças, os jornalistas comumente ouvem adultos, seus responsáveis, como se elas não fossem capazes de contar sobre sua rotina e opinar sobre o que ocorre em sua vida e no mundo. Os cursos de jornalismo também ignoram o debate sobre os noticiários realizados para as crianças e sobre a importância da escuta delas na construção das matérias.





Editorial de Arte

COMUNICAÇÃO COMO DIREITO

Esse cenário que descrevi até aqui não é apenas preconceituoso com as crianças e prejudicial a elas, como também viola a lei ao afrontar o tratado de direitos humanos mais ratificado até hoje em todo o mundo: a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Organização das Nações Unidas em 1989 e subscrita pelo Brasil no ano seguinte. O documento, ainda que sofra críticas por uma visão eurocêntrica em certos pontos, representou grande conquista para as crianças ao estabelecer que, além de proteção e provisão, elas também têm direito à participação. Vale destacar, infelizmente, que a adesão ao documento não significa seu cumprimento, mas claros avanços já foram sentidos nos últimos anos.

E a comunicação não escapou à Convenção, aparecendo com destaque em dois artigos. E o 13º garante o direito da criança à livre expressão e diz que isso “deve incluir a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo”. O 17º afirma que os países que ratificam o tratado devem “incentivar os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança” – o que, como pudemos perceber até aqui, é bastante ignorado em nosso mercado midiático de massa, que sofre ainda com a concentração de propriedade e a pouca presença de veículos públicos.

CRIANÇAS EM ISOLAMENTO

No entanto, se o(a) caro(a) leitor(a) estivesse tendo contato com este texto antes da pandemia da Covid-19, poderia ter dúvidas sobre se de fato as crianças se preocupam com as

notícias. Mas creio que, após tanto tempo com os meninos e meninas em casa, e com a grande ameaça à nossa vida que essa nova doença representa, fica claro que a separação forçada entre o “mundo adulto” e “o das crianças” não se sustenta.

As crianças, assim como os adultos, têm sentido as angústias, os medos e as tristezas deste período, e faz-se necessário explicar a elas como a pandemia tem tomado conta deste país, tão carente de políticas públicas concretas para o combate ao vírus – e à fome e ao desamparo acarretados. Assim, pude perceber que a imprensa, sobretudo no começo do isolamento social, multiplicou textos cujos títulos buscavam ensinar a “como falar sobre a pandemia com os filhos”. Não é mais possível ignorar a presença das crianças durante o telejornal.

Portanto, é fundamental compreender que é direito das crianças receber informações jornalísticas destinadas a elas, construídas a partir da escuta de suas vozes e dos seus múltiplos cotidianos. É necessário haver pluralidade de veículos, de modo que meninos e meninas que vivem em diferentes contextos socioeconômicos possam ter acesso a esses conteúdos, e que esse material dialogue com seus diversos modos de ser criança. E que isso seja feito sem reduções ou banalizações: as reportagens para as crianças podem falar sobre quaisquer assuntos (racismo, sexualidade, política, economia) desde que as escutemos e procuremos fazer com que o jornalismo que consomem tenha sentido para elas. Esse, aliás, é sempre o melhor jornalismo que podemos fazer, para adultos e crianças. ■

É FUNDAMENTAL
COMPREENDER
QUE É DIREITO
DAS CRIANÇAS
RECEBER
INFORMAÇÕES
JORNALÍSTICAS
DESTINADAS
A ELAS,
CONSTRUÍDAS
A PARTIR DA
ESCUTA DE SUAS
VOZES E DOS
SEUS MÚLTIPLOS
COTIDIANOS

JULIANA DORETTO é jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa; professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (Limiar) e do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autora de *Pequeno Leitor de Papel: Um Estudo sobre Jornalismo para Crianças* (Alameda, 2013) e cofundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências - Recria.

Informar, conhecer e curar

CRISTIANE PARENTE

Quero começar este texto propondo uma reflexão. O que precisamos saber sobre o mundo para sermos pessoas melhores e atuarmos de forma mais consciente, tendo em vista um lugar mais saudável em seus mais diversos aspectos, seja social, econômico, psicológico, cultural ou ambiental?

E isso tem a ver com uma sólida alfabetização midiática e informacional, que deveria ser disponibilizada a todas as nossas crianças desde muito cedo. Isso contribuiria para a compreensão acerca dos direitos humanos, da comunicação, da cidadania, do respeito à diversidade e da ética; da nossa constituição e dos deveres que temos com o país; do Estatuto da Criança e do Adolescente, que mostra os direitos que as crianças podem e devem cobrar, inclusive os de participação, proteção e de terem uma mídia de qualidade que ofereça programação para sua faixa etária.

Essa reflexão sobre educação midiática deveria abordar a infinidade de assuntos que são publicados diariamente nas redes sociais e nos veículos de comunicação (segmentados ou não) e que nos afligem, nos angustiam e afetam nossa saúde mental, a ponto de esse excesso de informações já ter um nome: “síndrome da fadiga informativa”. Ela também deve nos alertar para a necessidade de compreendermos a forma como funcionam as plataformas que usam nossos dados como mercadorias, os algoritmos. Além do sistema de concessão pública das emissoras de rádio e TV; o poder e os limites da publicidade; os bastidores do processo de produção de uma notícia e sua diferença para um texto opinativo; e a importância de uma imprensa livre, democrática e de informações de qualidade em meio à “infodemia” que vivemos.

EXCESSO QUE “INFOXICA” E DESINFORMA

Há pelo menos três exemplos que podemos encontrar na literatura sobre o excesso de informação (“infoxicação”, de acordo com o físico catalão Alfons Cornella) e sobre a ilusão de conhecermos tudo. Eles foram destacados pelo professor da Universidade de

São Paulo (USP) Nilton José Machado, na Cátedra de Educação Básica. O primeiro: o escritor Jean-Paul Sartre tem um personagem na novela *A Náusea* que é o único na obra sem nome. Sartre o chama apenas de “autodidata”, por sua valorização excessiva do conhecimento e sua forma ingênua de acreditar que vai conseguir aprender tudo. Nesse sentido, ele cria uma estratégia que é estudar os livros por ordem alfabética, começando por todos aqueles que possuem títulos iniciados por A, depois por B e assim sucessivamente, até varrer todo o conhecimento humano. O que ele nem imagina é que antes de completar o ciclo da letra A, ele já terá morrido.

O segundo exemplo que nos mostra que não é necessário, nem possível, saber tudo, segundo Machado, vem do pensamento do filósofo e cardeal alemão Nicolau de Cusa, quando no século 15 escreve *A Doutra Ignorância* e traz a metáfora de que tudo que ele sabe cabe nas próprias mãos. As mãos seriam a fronteira entre o que ele sabe e o que não sabe, que estaria fora delas. A ideia da metáfora é que, quanto menos eu sei, menos eu sei que não sei, porque, quanto menos eu sei, menor é a fronteira com o que eu não sei.

Por outro lado, quanto mais eu estudo e aprendo, mais aumenta a fronteira com aquilo que não sei; por isso, fico mais ciente daquilo que não sei. *A Doutra Ignorância*, título da obra, é justamente esse saber de saber-se consciente do tanto que não sabemos. É a humildade, o reconhecimento do tanto que não sabemos e da impossibilidade de conhecermos tudo. Quanto mais estudo, mais alargo meus conhecimentos e, por outro lado, enxergo o que não sei.

Por fim, o terceiro exemplo. No conto *Funes, o Memorioso*, o escritor argentino Jorge Luis Borges narra a história de Funes, um rapaz que após cair e bater a cabeça ganha a estranha capacidade de guardar tudo o que vê, lê e estuda, mesmo sem querer. Tudo passa a ficar guardado em sua memória nos mínimos detalhes, sem que ele tenha feito o menor esforço. Ele lê um livro e guarda tudo, olha para uma árvore e depois lembra de cada um de seus detalhes, assim como de seus sonhos ou de uma nuvem no céu. E





Editorial de Arte

com essa overdose de memória, ele incapaz de pensar, porque, como o professor Nilton José Machado nos lembra, pensar é fazer escolhas, e para Funes tudo é importante. Incapaz de pensar, Funes fica incapaz de agir. E no livro ele morre entupido, talvez por tanto guardar informações.

CONHECER É SIGNIFICAR

Isso nos lembra que, apesar da necessidade de conhecimento, ele não significa um acúmulo de dados, mas informações selecionadas de forma a fazer sentido em nossas vidas. O que precisamos, então, é de um mapa. Uma bússola para navegar nesse mar de dados e de informações produzidas diariamente e que nos chegam em uma velocidade que não nos permite processá-las de forma reflexiva.

Precisamos entender a tecnologia digital não apenas como uma ferramenta, mas como uma cultura, uma linguagem. Precisamos nos instrumentalizar eticamente, inclusive, para buscar o conhecimento, compreendendo que nem tudo é necessário e que a liberdade que temos de buscar e produzir informação nos traz ao mesmo tempo a responsabilidade da autoria, do cuidado, do respeito ao que é diverso e da responsabilidade com o compartilhamento de informações, porque quem compartilha endossa.

Ler e produzir a palavra, a imagem, o texto sobre o mundo é aprender a fazer escolhas. Caso contrário, padeceremos como Funes. E sem selecionar, sem esquecer, sem pensar, sem agir, ficaremos “infixicados”!

Aprender a argumentar, a lidar com as emoções, a separar opiniões de fatos é também estar preparado

para atuar de forma mais consciente no mundo, inclusive em uma eleição; para não compartilhar *fake news*, evitando se contaminar por polarizações ou confundindo a liberdade de expressão e o discurso de ódio; evitando cair nas armadilhas do mundo virtual e cuidando dos nossos rastros em uma vida cada vez menos cindida em on/off-line e cada vez mais “on-life”.

Esse exercício de curadoria das informações, da responsabilidade de uma autoria que quer falar de si e não que falem de/por si, da compreensão do poder e da beleza da palavra e do respeito à diversidade, pode e deve ser trabalhado desde a infância, a partir da educomunicação e de experiências de alfabetização midiática e informacional. Para isso, é preciso mais experiências de programação infantil e veículos voltados a esse público e, principalmente, feitos COM ele, como os projetos da Fundação Casa Grande, de Nova Olinda (CE), e o jornal comunitário *Voz da Comunidade*, do Complexo do Alemão (RJ), que começou a partir da ideia de um menino de 12 anos; projetos como os pioneiros *Joca* e a *Revista Ciência Hoje das Crianças*. Mas, acima de tudo, é preciso que haja nas emissoras de rádio e tevês abertas do país programas que valorizem a inteligência, a ciência e a diversidade da cultura brasileira e das infâncias e adolescências brasileiras, porque esse é um direito de crianças e adolescentes, um direito da sociedade brasileira e um dever dos meios de comunicação. ■

CRISTIANE PARENTE é jornalista, educadora, doutora e pesquisadora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal); diretora da landé Comunicação e Educação; professora do Centro Universitário IESB e da UnB; e criadora do *Clubinho*, extinto suplemento infantil do jornal *O Povo* (CE) que instituiu o primeiro Conselho Infantil de Leitores do país.

UMA SÓLIDA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL DEVERIA
SER DISPONIBILIZADA A TODAS AS NOSSAS CRIANÇAS DESDE MUITO CEDO.
ISSO CONTRIBUÍRIA PARA A COMPREENSÃO ACERCA DOS DIREITOS HUMANOS,
DA COMUNICAÇÃO, DA CIDADANIA, DO RESPEITO À DIVERSIDADE E DA ÉTICA

Arte em mutação

ARTISTA GOIANO SEMEIA OBRAS
QUE FAZEM REFLETIR SOBRE A
RESPONSABILIDADE SOCIAL
DE SER E ESTAR NO MUNDO

“ Eu lembro mais das coisas que pintei do que das coisas que vivi”, diz Siron Franco no documentário *Siron. Tempo sobre Tela* (2018), estreia da programação do **SescTV**. Dirigido por André Guerreiro Lopes e Rodrigo Campos, que costuraram a narrativa a partir do arquivo pessoal do artista e de filmagens que realizaram acompanhando-o numa temporada de trabalho em Londres, o filme joga luz sobre este que é um dos mais importantes pintores brasileiros de todos os tempos, nas palavras da crítica e historiadora de arte inglesa Dawn Ades. Nascido em 1947, na cidade de Goiás, Gessiron Alves Franco, conhecido como Siron Franco, é autor de pinturas, esculturas e instalações que contestam a violência, a degradação ambiental e outras questões sociais. Reconhecido internacionalmente e premiado em bienais de arte, tem obras em museus, galerias, espaços públicos e no Acervo Sesc de Artes. Durante a pandemia, Siron Franco segue investigando novas formas, materiais e temas em seu ateliê na cidade de Aparecida de Goiânia (GO), onde reside. Foi de lá que ele participou, por videochamada, da seção *Encontros* e mostrou novos trabalhos, como uma série de pinturas rupestres em corpos humanos e a instalação *Ressurreição* (2020). “Eu não tenho pretensão. Acho que cada artista é tragado por alguma coisa que o leva. Ajo como cidadão. Acho que o cidadão, seja artista ou não, está aqui, está pagando imposto, ele está neste planeta, sendo alimentado por esta terra”, revela.

SIRON FRANCO esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de julho de 2021.



Divulgação



QUANDO MENINO

Vou começar com o dia em que nasci, em 1947, dia 25 de julho, na cidade de Goiás. Dois anos depois, minha mãe se mudou para Goiânia, mas meu pai não queria, porque Goiás é uma cidade muito bonita, cheia de igrejas e obras de arte. Então, nas férias escolares eu voltava para lá com a minha mãe e passava um mês, praticamente. Goiânia era uma cidade em construção, um *art déco* tardio, mas muito bonita, muito limpa, muito *clean*. Eu fui começando a ver uma diferença cultural (entre as duas cidades) a partir da arquitetura. Isso mexeu muito comigo desde menino. Fui muito cedo para a Escola de Belas Artes como ouvinte, na Pontifícia Universidade Católica aqui de Goiânia, e, em seguida, em 1968, comecei a mandar minha obra para as bienais. Naquela época, as universidades é que recebiam as fichas de inscrição. Daí ganhei um prêmio na segunda bienal nacional da Bahia, em 1968. Quando chegamos lá, antes de receber o prêmio, a polícia federal entrou, prendeu praticamente todo mundo que estava ali dentro, e só não fui preso porque falei que não me chamava Siron (o nome na carteira de identidade é Gessiron). Eu não gostava daquele nome, mas foi ele que me salvou.

PELO XINGU

A questão ambiental nasceu com meu pai. Ele era muito amigo de vários povos indígenas, em especial, dos Carajás. E tudo do meu pai era na base de planta. Ele achava que o negócio do remédio [*alopático*] ia matar. Ele me introduziu nesse universo indígena, com o qual fiquei encantado. Uma das coisas que mais me encantaram em contato com os Carajás, aliás, é que nunca vi um índio gritar com uma criança. Já presenciei cenas lá, quando fiz *Xingu* [*Xingu, a Terra Mágica, série de dez episódios levada ao ar pela extinta Rede Manchete, em 1985, para a qual fez a direção de arte*], como a de dois meninos com um machado furando uma mangueira. Os mais velhos abraçaram os meninos e o puxaram com delicadeza. Fiquei impressionado. A criança e o velho são tratados de maneira incrível. Teve um indígena de 92 anos que falou que até os 18 achava que o [*homem*] branco era um bicho. Fiquei impressionado. Acho que todo mundo devia ficar pelo menos 15 dias no Xingu para entender um pouco o que é uma criança. A criança é o que a gente tem de melhor.

IMPERMANÊNCIA

Meu trabalho foi mudando naturalmente, não tem como você não querer mudar. As viagens que fiz foram muito importantes. Por exemplo, quando ganhei como prêmio uma viagem à Europa, quis fazer também um levantamento de peças antropológicas brasileiras no Museu Nacional de Antropologia e no Museu da América, Espanha, em Madri. Aí, fiquei tão encantado que não fui ver arte moderna. O que mexeu com minha cabeça foi a produção desse período pré-cabralino no Brasil. E lá tive a ideia de criar um grande mapa do Brasil. Quando eu era garoto, tinha uma moeda com um desenho do mapa do Brasil, sempre achei aquela coisa emblemática. Fiquei [*com essa ideia na cabeça*] de 1977 até 1992, quando consegui fazer um monumento gigantesco (*Monumento às Nações Indígenas*). Depois, destruíram 500 colunas com reproduções de objetos indígenas. Teve gente que achava que aquilo era contra o cristianismo, enfim, fizeram uma confusão danada. Mas estou refazendo [*a obra*], e vou doá-la para a prefeitura de Aparecida de Goiânia. Outro monumento que fiz, e que é um trabalho que desde garoto me fascina, é inspirado nos desenhos rupestres do Planalto Central, de oito, nove mil anos. Fiz um grande monumento, uma instalação permanente em Salvador. Eram 474 peças fundidas em alumínio e roubaram tudo: 17 toneladas de alumínio [*o painel reproduzia em alumínio fundido pinturas rupestres e foi um presente do artista à cidade quando ela completou 454 anos*]. Agora, querem que eu faça novamente, só que em pedra. Acho que pedra não vão tirar.

SER APRENDIZ

Já tive grilo de pensar que eu não tinha personalidade. De manhã, eu faço uma coisa; de tarde, faço outra. Por isso, digo que sou aprendiz. Na pandemia, fiquei mais compulsivo criando. Criei as pinturas *Branco de Medo*, que só se revelam para você com um metro e meio de distância, como aqueles retratos que estão apagando e você quase não consegue ver, é um branco sobre branco. Depois, eu comecei a fazer essa instalação, *Ressurreição*. Tem dia que é muito estranho, aí comecei também a fazer escultura em ferro porque tem hora que bater ferro faz bem. Estou com três exposições esperando [*a pandemia acabar*]. E essa instalação composta por 365 figuras é uma ressurreição e, ao mesmo tempo, uma celebração à vida. E ela tem uma característica que vim perceber depois: à noite, ela é muito dramática. De dia, outra instalação acontece debaixo [*dos manequins*], quando as sombras das roupas fazem uma projeção por causa do sol.



DE MANHÃ, EU
FAÇO
UMA COISA;
DE TARDE,
FAÇO OUTRA.
POR ISSO,
DIGO QUE SOU
APRENDIZ

O artista em um dos momentos do documentário *Siron. Tempo sobre tela* (2018), estreia na programação do SescTV



A instalação *Renascimento* (2020), uma celebração à vida, ainda que com tons dramáticos a depender do horário e local onde é colocada, é um dos mais recentes trabalhos do artista. Será exibida em setembro de 2021 no Memorial da América Latina

Divulgação

MATÉRIAS-PRIMAS

Quando garoto, antes de ter ido para a escola, eu lia muito as biografias, tinha *Tesouro da Juventude* [enciclopédia originalmente inglesa, voltada para crianças e jovens], e tinha alguns livros interessantes que falavam de pigmentos. Eu me interessei por isso, porque, ao ler a biografia dos artistas da Renascença, você sabia como era feito cada pigmento de cada artista. Então, por exemplo, eu tenho uma amiga que é uma grande restauradora e ela me contou como você identifica um Caravaggio: ele tinha um azul que era de uma determinada pedra. E eu sempre quis trabalhar com a tradição do ponto de vista da durabilidade, então procuro madeira, mas ela tem que

ser boa; o pano tem que ser linho. Sempre fui ligado nessa parte técnica, de fazer a tinta. A série *Césio 137* (1987) talvez tenha sido a produção em que mais fundo fui. Eu trabalhava em pintura sobre papel com uma tinta prateada que eu mesmo fazia aqui [no ateliê], com pigmentos alemães de altíssima qualidade.

SOBRE A TELA

Eu estava morando em Londres, fui para fazer uma série de trabalhos e aí o André [*Guerreiro Lopes*] e o Rodrigo [*Campos*], juntamente com a Malu Viana, que é dona de uma produtora de vídeos, queriam acompanhar o período em que eu estivesse lá. Eles filmaram tudo aquilo, depois vim para o Brasil e, de vez em quando, a



Essa pessoa existiu, sabia? Claro que esse crânio, a cabeça dela é de um caranguejo. Isso foi nos anos 1970, quando comprei uma chácara e tinha essa senhora e o marido dela morando lá, como caseiros. Ela brincava muito com os meninos e dizia que era uma bruxa. Meus filhos tinham medo dela, diziam que ela tinha quatro olhos. Um dia, começou a vir essa imagem. Fiz em contraponto a essa ideia de “só aparece mulher bonita” [nas artes plásticas]. Nesse período eu era muito ligado à arte fantástica.

Siron Franco

gente se falava. Aí, em 2017, eles me ligaram e disseram que, finalmente, arrumaram uma grana para fazer daquele material um longa-metragem. O documentário tinha aquele caráter mais biográfico, entrevistas com colecionador, museu. Aí, viram o arquivo que eu tinha aqui [no ateliê], e tudo mudou. O nome antes era *O Olhar do Camaleão*, e quando viram meus vídeos – levaram umas 200 e poucas fitas VHS e umas 30 Super-8 para São Paulo –, mudaram tudo e deram o nome de *Siron. Tempo*

sobre Tela. E todas as pessoas que deram depoimento dançaram, só sobrou o Ferreira (Gullar). Eu estava pintando o retrato dele e tinha a mania de documentar todo mundo que vinha no ateliê. Eles tiveram a paciência e o amor de pegar todas as fitas e criar a narrativa deles. O filme ficou muito interessante. ■







Renata Baralle

O efeito Lina

AUTOR DE BIOGRAFIA

RECÉM-LANÇADA SOBRE

UMA DAS ARQUITETAS

MAIS GENIAIS DO SÉCULO

20 COMENTA DETALHES

DA PESQUISA E EPISÓDIOS

NARRADOS NO LIVRO

Suas raízes se soltaram do solo italiano para atravessar o oceano Atlântico, rumo ao Brasil. Assim começa a história de Lina Bo Bardi (1914-1992) no país. Um dos mais importantes nomes da arquitetura, famosa por projetar o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e o Sesc Pompeia, ambos na capital paulista, Lina foi premiada, neste ano, com o Leão de Ouro na Bienal de Veneza. A história da família materna de Francesco Perrotta-Bosch também fez o caminho para o Novo Mundo. E, deste elemento em comum, das semelhanças entre as vivências de Lina Bo Bardi na Itália da primeira metade do século 20 e aquelas narradas pela avó materna do ensaísta e arquiteto, germinou o “estímulo inicial”, como disse o autor, para a feitura de *Lina: Uma Biografia* (Todavia, 2021). Fruto de uma extensa pesquisa, de levantamento de fontes inéditas, de uma bibliografia brasileira e italiana, além de dezenas de entrevistas, o livro examina importantes episódios da vida e do legado desta criadora que já no primeiro capítulo se apresenta aos leitores: “Eu disse que o Brasil é meu país de escolha, e por isso, meu país duas vezes”. Para a arquiteta e urbanista Marta Bogéa, professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), que assina a contracapa do livro, Francesco realiza uma narrativa que desvencilha Lina da figura mítica. “Permitindo reconhecer que essa fabulosa mulher só foi tão fabulosa e encantadoramente radical, corajosa e transformadora porque também guardava dentro de si uma série de idiossincrasias e circunstâncias”, disse no *Sesc Ideias Lançamento de “Lina: Uma Biografia”* (Todavia), com a presença do autor e do Diretor Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda.

EM COMUM

Acho que toda biografia — talvez todo trabalho em que a pessoa se debruça, e nessa biografia foram três anos; mas, pesquisando sobre a Lina, foram mais de 11 — tem que ter um estímulo pessoal. E o primeiro estímulo vem da Lina arquiteta imigrante, que veio da Itália na década de 1940, algo que foi o meu primeiro: “Olha! Que incrível!”. Isso, obviamente, se entrelaça com a história da minha família. A Lina veio para o Brasil em 1946, e a minha dedicatória “aos meus” é para minha família por parte de mãe, que veio da Itália para o Brasil na década de 1930, quando a Guerra bateu na porta. As histórias deles são as da minha infância. Quando eu era pequeno, minha avó me contava histórias da Itália nesse período, exatamente essa fase da Lina de 1923. É até curioso que as histórias dela na década de 1920, na escola, para mim soassem extremamente familiares. Claro que há as minúcias da vida da Lina, mas o contexto da Itália fascista, do Mussolini, de um ditador, de um país que fazia guerras imperiais, era algo que, de certa maneira, eu já conhecia de ouvir falar. Então, é óbvio que tem algo que me toca no familiar. Isso foi muito importante como alimento para o meu livro.

NA TERRA DO SOL

Arquitetos imigrantes no Brasil, em especial em São Paulo ao longo do século 20, foram vários. Mas por que a Lina sobressai nesse grupo grande e valioso? O que vou expondo ao longo do livro é como ela tem, digamos, um interesse genuíno pelo Brasil. É por isso que eu queria logo começar com um dos episódios da Bahia, chamado *Deus e Diabo na Terra do Sol* (capítulo II), que é não somente a participação dela, mas sua interlocução e colaboração com Glauber Rocha e um grupo grande de intelectuais num momento frutífero baiano, do final dos anos 1950 até 1964. Ela começa a visualizar características e interesses que são muito originais. Por isso, o grande ponto desse segundo capítulo é o que ela chama de “pré-artisanato nordestino”. Objetos que ela viu e que parecem, à primeira vista, banais, feitos a partir de coisas encontradas, de coisas que, digamos, já cumpriram seu ciclo de vida dentro da cadeia de consumo, como uma latinha de óleo de carro. Pessoas que literalmente

nada têm, que vivem numa condição de miséria, pegam aqueles objetos, fazem pequenas modificações e dão um novo uso e vida a eles. Isso é o que ela chama de pré-artisanato nordestino e, como apresento no livro, e ela falou em diferentes momentos da vida, podia ser um novo ponto de partida para o Brasil. Um ponto de partida econômico, político, social, de design ou de desenho industrial, de arquitetura.

LICENÇA POÉTICA

Faço esse livro explodido temporalmente pela licença poética que a Lina me dá quando ela mesma escreve e afirma que o tempo não é linear. O tempo é um maravilhoso emaranhado no qual podemos encontrar soluções sem começo nem fim. Ela me deu essa licença poética quase como um presente, e desse presente eu faço a estrutura do livro. Essa primeira aproximação acontece em relação ao valor que ela vê em objetos de sobrevivência na Bahia e à própria experiência pessoal dela em Milão, durante a Segunda Guerra Mundial, quando bombas inglesas destruíram o



escritório dela. Então, viver sob risco não era algo distante ou uma teoria. Lina viveu isso na pele. E faço essa aproximação quase como uma sugestão para o leitor: será que ela estabeleceu uma empatia com esses objetos, com essas pessoas, com aquele momento no Nordeste devido à própria vivência e experiência pessoal? Então, essa é uma das amarrações que procuro fazer no livro para tentar compreender um pouco essa mulher fascinante.

OBRA MADURA

O Sesc tem que ser visto, numa primeira medida, como uma instituição que proporcionou à Lina sua obra madura. A instituição que permitiu a Lina fazer um projeto que era mais dela, que era dela em sua essência. O Masp é uma grande obra, mas era também um espaço de Pietro Maria Bardi, marido dela, era um trabalho de muitas mãos. Já o Sesc foi um trabalho para a Lina já madura, no seu momento mais experiente, de colocar e apresentar, digamos, ao mundo, muito do que ela tinha dentro de si: suas inquietações, questões, idiossincrasias, seus contrastes internos e, também, sua genialidade e erudição. Um fato que quis deixar muito claro no livro, e que me parece muito relevante, já que muitas publicações sobre a Lina *a posteriori* não colocam de maneira clara, é que o Sesc Pompeia surge primeiro de uma vontade da equipe do Sesc e chega como convite à Lina. No começo, ela fica um pouco reticente, mas depois aceita. Acho que isso acontece em todos os projetos que aparecem no livro: primeiro ela é reticente, para depois entrar de corpo e alma. Ela e aquele grupo de jovens que a tinha como figura experiente daquele momento vão fazer experimentações, algumas muito radicais, ou exposições que, em grande medida, consolidam ideias que a Lina já trazia de muitos anos antes.

SEUS CONTRASTES

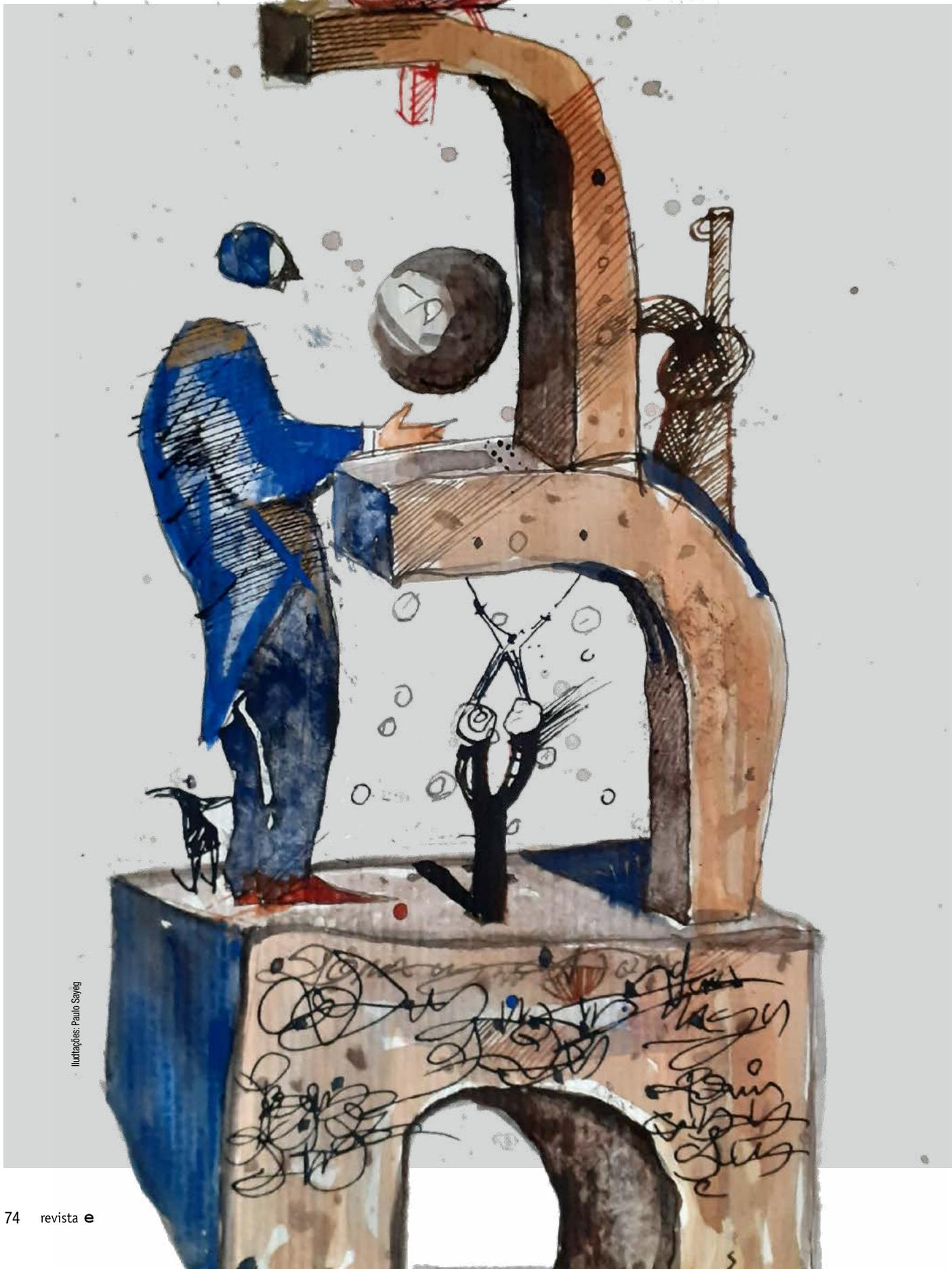
A Lina tinha a capacidade de dialogar. Era uma pessoa de embate, suas trocas não eram (ou eram raramente) plácidas, ela tinha embates muito duros e no dia seguinte mandava um “beijo” para a pessoa com quem, no dia anterior, havia tido um arranca-rabo. Ela era assim, era essa figura. E lidar com esses contrastes da Lina é fundamental, senão a gente não vai conseguir compreendê-la. Mas é preciso dizer que ela tinha uma capacidade de diálogo impressionante. A habilidade de criar uma rede de colaboradores entre si. Não são todos os arquitetos, artistas e intelectuais que têm essa capacidade de diálogo tal qual ela teve.

LEGADO PERENE

Durante o meu trabalho de pesquisa, foi fundamental ter toda a documentação disponível. O que se comprova no papel é importante porque, obviamente, nas entrevistas, cada pessoa tem uma visão diferente, visões que são contrastantes. E, muitas vezes, a documentação ajuda a comprovar algo. Apesar de que a verdade absoluta não existe, assim como não existe uma biografia definitiva. Reuni a maior quantidade possível de documentação comprobatória, a maior parte de informações por entrevistas, a leitura e a revisão bibliográfica. Achava que ia acontecer isto, e de fato: encontrei mais de 100 dissertações e teses sobre a Lina. Então, ela é uma pessoa muito estudada, e isso é ótimo. Mostra para nós que ela é uma figura muito pujante, que gera incômodos e inquietações, e que apresenta questões muito válidas ainda em 2021, quase 30 anos depois de seu falecimento, 40 anos depois das aberturas do Sesc Pompeia (a de 1982 e a de 1986). Com este livro, apresento algumas questões, novos documentos e fatos, mas Lina Bo Bardi merece ainda ser muito mais estudada e debatida. ■

EU FAÇO ESSE
LIVRO EXPLODIDO
TEMPORALMENTE
PELA LICENÇA
POÉTICA QUE A LINA
ME DÁ QUANDO ELA
MESMA ESCREVE
E AFIRMA QUE O
TEMPO NÃO É LINEAR





Ilustrações: Paulo Sayeg

POR UM TRIZ

Tudo aqui na vida
acontece por um triz.

Coisas calam fundo
fundam mundos
criam raiz.

Coisas afloram visos
como eu nunca
ou sempre quis.

Mas o que fala mais alto
é o que não se diz.

DECLARAÇÃO 2

Grácil? Sempre no cio?
Rei do difícil
a ver navios?

Não. O poeta é um remorso.

Urso do ofício
entre o silêncio
e o cilício.

AVISO À PRAÇA

O humano é um engano do humano.
Divide o humano em humano e desumano.
Sonho insano de se ver a salvo
de crivos e crises e crimes
cravados no alvo.

Bobagem. Nenhum capitalismo é selvagem.
Putá não é cadela. Nem a vida, feroz.
O homem é o homem do homem.
Todos juntos e a uma só voz.

Humana é a sala de tortura.
A napalm, a navalha, a metralha no gueto
– a pele esfolada no porão.
Humana, humaníssima, a escravidão.

Humano é o arame farpado.
O estripador branco, o estuprador preto.
Carandiru, Somália, Khmer, Bopal.
O massacre da Praça da Paz Celestial.

Humana a fissão do átomo.
Humana a fissura do FIM.

Não consta que roseiras e gaivotas
ajam assim.



TOQUE ÁRABE

Já agonizante
o xá chama diante
dos signos de ouro de sua cama
o ínclito bibliotecário
centenário e coxeante.
Quer a graça de conhecer
num átimo do último instante
do seu exílio terreal
a história total da raça humana.
Meu príncipe, meu príncipe
resume didático e miúdo
o velho imperador da estante:
os homens nascem amam morrem
e isto – bem, isto é tudo.

CONJUGAL

ensaio mais um feitiço
desde o meu aqui aquário

um misto de sol submisso
e de satélite rebelionário

ser o teu senhor subversivo
ou teu escravo plenipotenciário

ANTONIO RISÉRIO é antropólogo, historiador e poeta.

Dentre seus trabalhos, estão a coletânea de poemas *Oriki Orixá* (Perspectiva, 1996); *O Poético e o Político e Outros Escritos* (Paz e Terra, 1988), este em coautoria com Gilberto Gil; *A Cidade no Brasil* (Editora 34, 2012); e, o mais recente, *Em Busca da Nação* (Topbooks, 2020).



ser atleta

Exposição virtual que apresenta de forma crítica a história do esporte olímpico e paralímpico brasileiro a partir da trajetória dos próprios atletas.

Até 30 de novembro de 2021

confira em:
seratleta.sescsp.org.br

Parceria Institucional



Realização





BOCA, PRA QUE' TE QUERO?

De 3 a 12 de setembro
2021

Reflexões sobre saúde bucal e autocuidado
para além de língua, dentes e saliva,
partindo das relações do ser humano consigo
e com o mundo ao seu redor.

Acompanhe a programação
sescsp.org.br/bocapraquetequero

Sesc



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
- *A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterlei Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adauto Fernando Perin, Adenor Serrano Domiense, Adriane Da Silva Ribeiro, line Ribenboim, Aline Stivaletti Barbosa, Amanda Costa, Ana Paula Fraay Moyses Henriques, Ana Tereza Jacintho Dos Santos, Andre Lerro Correa, André Luiz Santos Silva, Andrea De Oliveira Rodrigues, Andrea Matos da Fonseca, Artur Alves Ribeiro, Barbara Hugo Cabral Carneiro, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Freitas Curaca, Carlos Alberto De Oliveira, Carlos Daniel Dereste, Claudia Cassia de Campos, Dalmir Ribeiro Lima, Danilo Cava Pereira, Danny Abensur, Diego Da Silva Oliveira, Diego De Paula Lemos, Eduardo Santana Freitas, Eloá De Paula Cipriano, Estevo Denis Silveira, Fabia Lopez Uccelli dos Santos, Fabiana Delboni Martins, Fabiana Della Coletta Monteiro, Fabio Henrique Miranda dos Anjos, Flavia Rejane Prando, Gustavo Henrique Torrezan, Heloisa Pinto Ururahy, Isabela Dias Benassi Carvalho, Jacy Helena Almeida Silva, Jaderson Johnattan Porto, Janaina Maria Nanci De Moitinho, Jose Goncalves da Silva Junior, Jose Mauricio Rodrigues Lima, Juliana Goncalves Ramos, Karla Priscila Vieira Carrero, Laise Ferreira Guedes, Lidiane De Jesus, Lizandra Magalhães, Lucio Erico Soares Cunha, Marcia Regina De Oliveira, Mariana Angelica Krauss de Vilhena Raimundo Maciel, Marina Maria Magalhães, Mauricio Trindade Da Silva, Natalia Caetano Da Silva, Natalia Da Silva Martins, Nathalia Quarz Magalhães, Paulo Souza Cavalcante, Paulo Robson Dias, Poliana De Moura Queiroz, Raul Lorenzetti, Renan Cantuário Pereira, Renan Cesar de Abreu, Renato José Pereira, Renato Perez de Castro, Rodrigo Gerace, Sílvia Cristina Garcia, Tania Perfeito Jardim, Thais Cristina Kruse, Wendell De Lima Vieira

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis, Marina Pereira e Luna D'Alama
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122.

A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

É PRIMAVERA...



Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo

Saem de cena as folhas secas e chega a vez das flores de setembro. É hora de caminhar pelas ruas, parques e praças da cidade de São Paulo, com todos os cuidados e medidas necessários, e de se admirar com as copas das árvores – verdadeiros ramalhetes de presente para os olhos. Na companhia do biólogo, professor e fundador da **Escola de Botânica**, Anderson Santos, convidamos você a aguçar sua percepção e aprender sobre espécies nativas do Brasil em plena florada, facilmente encontradas na capital. Caso da **sibipiruna**, cujo nome científico é grande mesmo: *Cenostigma pluviosum* var. *peltophoroides*. Sua copa ampla proporciona uma grande área sombreada, característica que a tornou tão importante na arborização de São Paulo. “Suas pequenas flores se agrupam em conjuntos denominados inflorescências, e suas pétalas amarelo-ouro intenso atraem inúmeras espécies de abelhas”, explica o biólogo, que nos guia na identificação de outras espécies.

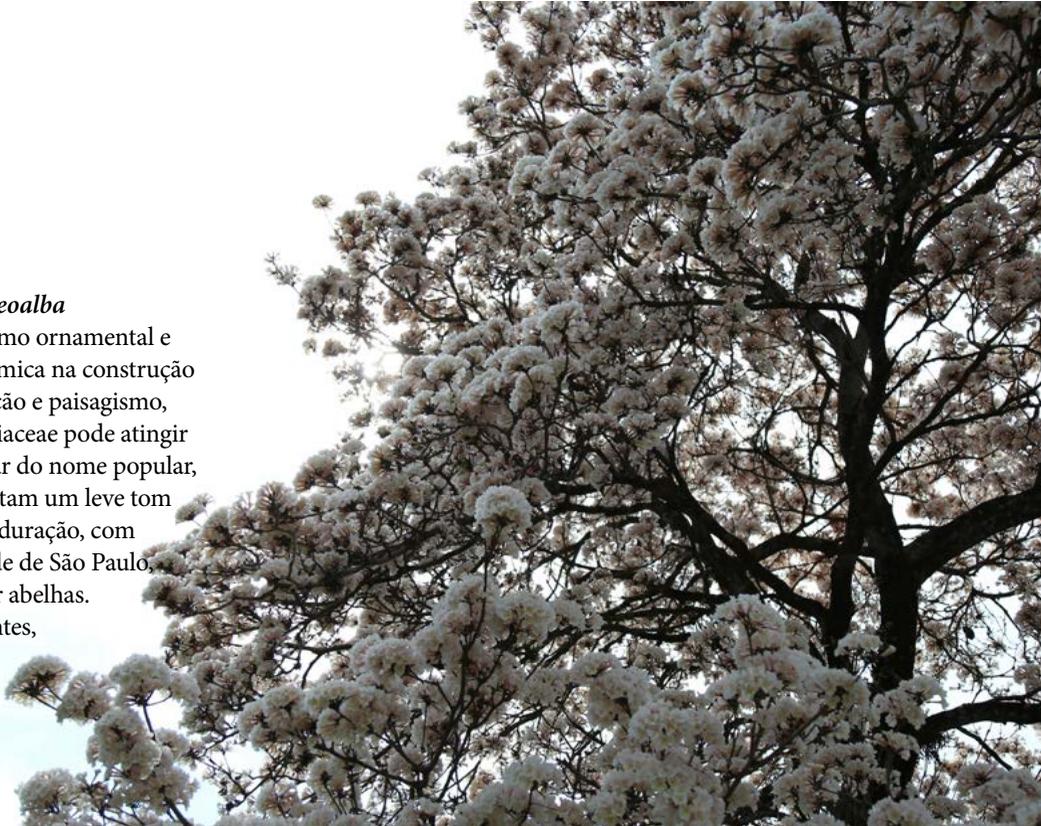


MONGUBA – *Pachira aquatica*

O paisagista Roberto Burle Marx foi um dos responsáveis pela popularização dessa árvore no paisagismo e por sua inserção na arborização urbana no Brasil a partir da década de 1960. Da família Malvaceae, ela pode atingir até 12 metros de altura. Suas flores são grandes, com cinco pétalas castanho-amareladas, longas, com as pontas enroladas e muitos estames (órgãos masculinos das flores), e estes apresentam a base branca ou castanha e a ponta avermelhada, em conjunto lembram pompons. Elas se abrem, geralmente, a partir das seis da tarde e atraem abelhas, mariposas, pássaros e morcegos. No ambiente nativo, as sementes são dispersas com a abertura dos frutos e alimentam animais como tatus, pacas, cotias, peixes e tartarugas. As sementes tornam-se comestíveis quando assadas, torradas ou fritas, sendo consideradas, em diferentes partes do país, uma Planta Alimentícia Não Convencional (Panc).

IPÊ-BRANCO — *Tabebuia roseoalba*

Espécie muito apreciada como ornamental e de grande importância econômica na construção civil, em projetos de arborização e paisagismo, essa árvore da família Bignoniaceae pode atingir até 18 metros de altura. Apesar do nome popular, ipê-branco, as pétalas apresentam um leve tom de rosa. A floração tem curta duração, com média de quatro dias na cidade de São Paulo, e a polinização é realizada por abelhas. Os frutos são cápsulas deiscentes, ou seja, abrem-se quando maduros, e são semelhantes a vagens. Outra característica é que essa árvore produz muitas sementes aladas, que são dispersas pelo vento.



Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo

DEDALEIRO — *Lafoensia pacari*

No passado a madeira dessa espécie era utilizada para fazer eixos de carros de boi e ferramentas, por sua dureza e resistência. Árvore da família Lythraceae, ela pode atingir até 20 metros de altura. Curiosamente, suas flores com pétalas brancas se abrem no fim da tarde e exalam um suave aroma que atrai diversas espécies de abelhas, além de vários pequenos morcegos que têm o néctar como principal alimento. O cálice (conjunto de sépalas) é fundido e tem formato de um dedal, característica que atribui à espécie o nome popular “dedaleiro”. Os frutos capsulares, cheios de sementes, amadurecem a partir de abril, e as inúmeras sementes que voam com a abertura natural dos frutos apresentam uma membrana castanho-amarelada que é utilizada por algumas espécies de aves como matéria-prima para a construção de ninhos.



PITANGUEIRA — *Eugenia uniflora*

O nome pitanga tem origem tupi e significa “vermelho”, característica marcante dos frutos maduros. Árvore da família Myrtaceae, ela pode atingir até 12 metros de altura. Nas adultas, a floração costuma ser farta. As pequenas flores apresentam cinco pétalas brancas e numerosos estames que lembram pequenos pompons. A polinização é realizada por abelhas e aves que encontram no néctar dessas pequenas flores uma fonte rica de alimento. Os frutos do tipo baga têm um formato bem característico e podem ser verdes, amarelos, laranja ou vermelhos, dependendo do estágio de desenvolvimento. As sementes são dispersas por aves e germinam com facilidade em solos úmidos. Quando as folhas são maceradas, exalam um cheiro bastante característico.



Mauro Guanandi



Um olhar para o encontro

Pixabay

Fui uma criança nascida na década de 1980, a quem a escala do mundo foi se apresentando à medida do tamanho dos passos. O dentro de casa primeiro virou o quintal – um quintal enorme com terra e pés de frutas no fundo. O quintal então virou a calçada onde as brincadeiras aconteciam, e a calçada virou a rua ali na frente de casa mesmo, para jogar bola, brincar de “mãe da rua” e pular corda... até que o esconde-esconde me levou para além das esquinas, e a bicicleta me fez chegar aos outros bairros. Mais crescida, ir para a escola a pé na companhia dos colegas era desbravar o mundo, que era imenso! O ensino médio me levou para mais longe... de ônibus e metrô ao centro da capital paulista a imensidão se agigantou e pude compreender o que era a escala de uma grande cidade e toda a complexidade que a envolve.

Perceber tantas pessoas, animais, carros, motos, cores, cheiros, sons e movimentos foi vertiginosamente estimulante e provocador!

Já na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, eu, que queria ser pedreira, apaixonei-me pelo planejamento urbano; afinal, para existir a arquitetura do edifício é tão ou mais importante existir e pensar a arquitetura do lugar, sair da escala privada para a coletiva, a escala da cidade. Foi nesse momento que entendi o sentido da palavra *cidadã* e reconheci o meu papel nesse lugar.

Meu maior desejo sempre foi transformar o mundo em um lugar melhor para se viver, mesmo que esse mundo fosse uma cidade ou um bairro, onde a apropriação do espaço público fosse justa, democrática, autônoma, segura, confortável, sustentável e acessível, garantindo a todos indiscriminadamente condições adequadas de moradia, educação, saúde, mobilidade, emprego e lazer, ainda que tudo isso parecesse utopia.

E mergulhada nessa utopia cheguei ao Sesc São Paulo, minha grande escola, onde sigo trabalhando e aprendendo há vinte anos, contribuindo no planejamento e em projetos para implantação de novas unidades.

Pensar um novo Sesc é quase como pensar uma nova cidade. O uso coletivo dos espaços, a diversidade de ocupações e programações, a garantia de respeito e acolhimento a todas as pessoas, público ou colaboradores, reflete-se não somente na estrutura física, mas também nas atividades que são oferecidas. Essas preocupações extrapolam os limites do Sesc, expandem-se ao entorno, buscando a integração com o espaço público da cidade.

Entender o potencial educador da instituição a partir de seus edifícios e da implantação deles é um grande estímulo. Rompendo barreiras simbólicas, através de boas práticas e exemplos, estimulamos as pessoas a entenderem soluções possíveis de incorporar às suas práticas diárias, às suas casas, calçadas e ruas; o que, em uma escala maior, pode ser cobrado das autoridades competentes, como também fazemos. Despertar esse olhar crítico e de autorresponsabilidade é parte importante do processo educativo de todos nós enquanto cidadãos.

Em tempos tão desafiadores que vivemos, nos quais todos os locais de encontro se esvaziaram, públicos ou privados, percebemos o quanto poder andar pelas cidades e fruir delas é valioso. Os espaços públicos, antigamente tão temidos, passarão a ser os mais seguros. E que sejam! Que sejam seguros, respeitosos, acessíveis e democráticos, para que possamos muito em breve voltar não somente a viver nas cidades, mas viver as cidades.

Hoje eu sinto que tenho realizado meu desejo utópico de mudar o mundo. E aqui me aproprio de um conselho da minha mãe, que certamente é o de muitas outras mães: “Se você quer mudar o mundo, comece arrumando o seu quarto, comece mudando você”. ■

BRUNA HITOS PEREIRA é graduada em Arquitetura e Urbanismo com especialização em Arquitetura Bioecológica, gestora cultural e assessora na Assessoria Técnica e de Planejamento do Sesc São Paulo.



Família Xamego



EXTRA!

GUARANY

Histórias do Circo dos Pretos

EXTRA!

DIA 16/09

19 HORAS

A história do Circo-Teatro Guarany, que entre os anos 1948 e 1958 foi um ponto de encontro da resistência com as artes circenses - e onde atuou a primeira palhaça negra do Brasil.

ASSISTA SOB DEMANDA EM
sesctv.org.br



Sesctv

 /sesctv

